

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**RAINHA DO LAR OU REPRODUTORA IDEOLÓGICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Ciências  
Sociais da Universidade Federal de  
Santa Catarina, para obtenção do Grau  
de Mestre em Antropologia.

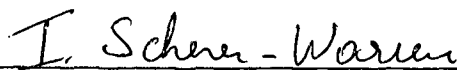
DAGMAR U.S. VON LINSINGEN

Florianópolis, fevereiro de 1983.

**RAINHA DO LAR OU REPRODUTORA IDEOLÓGICA**

DAGMAR U.S. VON LINSINGEN

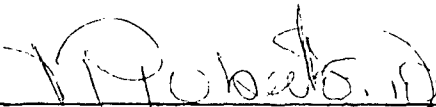
Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:



Prof.ª. Dra. Ilse Scherer-Warren



Prof. Dr. Dennis Werner



Prof. Dr. José Roberto S. Díaz

"Tenho algo a descobrir de próprio,  
algo que ninguém possui a tarefa de descobrir  
em meu lugar.  
Se minha existência tem um sentido, se ela não é vã,  
tenho uma posição no ser  
que é um convite a colocar uma questão  
que ninguém pode colocar em meu lugar.  
A estreiteza de minha condição,  
de minha informação,  
de meus encontros e de minhas leituras  
já esboça a perspectiva finita de minha vocação  
de verdade.  
No entanto, por outro lado, procurar a verdade,  
quer dizer que espero a dizer uma palavra  
válida para todos, que se destaca sobre o fundo  
de minha situação como um universal  
Não quero inventar, dizer o que me agrada,  
mas aquilo que é."

Paul Ricoeur  
(filósofo francês)

Aos meus filhos:  
Jau e Luana,  
e ao Jairo, em memória.

A G R A D E C I M E N T O S

Quero agradecer a todos aqueles que me ajudaram de maneira formal e informal, tanto no que se refere à minha existência como à minha formação acadêmica. Aos que, dentre as tantas formas trocaram comigo suas próprias experiências numa abertura perceptiva da vontade de conhecer os múltiplos aspectos do que nominamos vida ou o real.

À Dra. ILSE SCHERER-WARREN, que me orientou tão seguramente e me possibilitou, por sua confiança e incentivo em minha capacidade de trabalho, a desenvolver esse estudo.

À Dra. ELIZABETH SCHNEIDER, minha mãe e amiga que renunciou parte de seu tempo para que eu pudesse alargar o meu.

Aos Professores, SILVIO COELHO DOS SANTOS, ANAMARIA BECK e ZULEIKA MUSSI LENZI por me iniciarem no estudo sistemático da Antropologia e da Sociologia.

À JUCÉLIA ALVES e às entrevistadas em geral, meus agradecimentos por me darem meios para que eu pudesse desvendar mais uma face do real.

Às amigas, CLEIDE ALBUQUERQUE, ELIZABETH FARIAS DA SILVA e à minha irmã, INGRID ELIZABETH S. GARCIA, pelo imprescindível apoio afetivo, que por várias vezes me impediram de desistir desse caminho.

Ao IRLAN VON LINSINGEN, amigo e companheiro, que, com sua linguagem especial - a fotografia, dimensionou atra-

vês da imagem, o conteúdo desse estudo.

E por fim, a tantos outros que até involuntariamente me despertaram questões relevantes sobre a condição feminina.

R E S U M O



O objetivo deste trabalho é perceber a partir de 15 histórias de vida, até que ponto a mulher, duma determinada comunidade, é vítima ou cúmplice do seu cotidiano.

Para tal procurou-se perceber se existe alguma opressão no seu trabalho doméstico e na sua condição de mulher na sua própria comunidade, e se esta opressão está de alguma forma ligada a ideologia que ressalta a diferença "natural" entre homens e mulheres.

É, portanto, através dos discursos das entrevistadas que se sugeriu algumas formulações para se colocar o papel da mulher enquanto essencial para mudanças dentro da comunidade.

R É S U M É

The aim of this work is to ascertain, from the study of fifteen life-stories, to what degree women in a certain community are victims of, or are accomplices to, the undesirable aspects of their daily lives.

To this end the research seeks to establish to what degree oppression exists in connection with the domestic work and social relations of these women, and also to establish whether or not this oppression is in any way connected with the ideology emphasizing "natural" differences between men and women.

In consequence of the ideas put forward in the interviews, suggestions have been made which define the role of the women as an essential one in the achievement of changes within the community.

## S U M Á R I O

	Pág.
DEDICATÓRIA .....	iv
AGRADECIMENTOS .....	v
RESUMO .....	vii
RÉSUMÉ .....	viii
APRESENTAÇÃO .....	xi
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....	01
1.1. Definição do problema .....	01
1.2. O objetivo do trabalho .....	02
1.3. Estrutura do trabalho .....	03
1.4. Referência bibliográfica .....	04
CAPÍTULO II - METODOLOGIA .....	05
2.1. A pesquisa .....	05
2.2. O enfoque teórico .....	09
2.3. Referências bibliográficas .....	16
CAPÍTULO III - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....	17
3.1. Mapa da Ilha de Santa Catarina .....	18
3.2. Fotografias .....	19
3.3. Povoamento e colonização .....	21
3.4. Situação atual e caracterização da popu lação estudada .....	24
3.5. Referências bibliográficas .....	28

CAPÍTULO IV - HISTÓRIA DE VIDA .....	29
4.1. Descrição das histórias de vida .....	30
4.2. Pontos para discussão .....	80
4.3. Referências bibliográficas .....	83
CAPÍTULO V - REFLEXÕES SOBRE A SUBMISSÃO .....	85
5.1. Referências bibliográficas .....	111
CAPÍTULO VI - PALAVRAS FINAIS .....	114
BIBLIOGRAFIA .....	117

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este trabalho, tem como objetivo um estudo de determinados aspectos da ideologia feminina enquanto potencial transformador ou reprodutor de "projetos" numa dada comunidade.

Ideologia aqui é apenas a forma operatória e não temática para se perceber como a mulher justifica o seu projeto. Entende-se por projeto, tudo aquilo que um indivíduo vive para se modificar e modificar o que o rodeia, é pois mais do que apenas um reflexo social e também uma construção individual. Esta afirmação origina-se do pensamento de Sartre:

"Quando digo que o homem é um projeto que decide de si mesmo... o que quero dizer... é que não há a priori estados psíquicos como o prazer e a dor, aos quais se prenderia como com afluentes a consciência, senão que, em realidade, a consciência se faz prazer ou dor, e decide assim, seja sua estrutura, seja no curso de sua vida, da natureza ou da essência dela mesma e do homem". (1)

Academicamente este estudo está orientado para constituir-se em uma dissertação de mestrado, a ser apresentada como um dos requisitos para a obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais.

Duas questões motivaram a escolha do tema: uma relativa ao interesse humano pelo problema da mudança ou não dos projetos de vida; a outra surgida pelo próprio interesse teórico que acompanha o tema.

Quanto à primeira questão, a preocupação com a mulher e seus problemas antecede a este trabalho. Sempre tivemos presente, a dificuldade que a mulher se vê obrigada a enfrentar para cumprir com o seu papel dentro da família.

Em relação à questão do interesse teórico, este foi o resultado do amadurecimento intelectual, que acompanha a educação sistemática e, os problemas - anteriormente formulados ao nível emocional - começaram a cristalizar-se como questões teóricas, como objeto de estudo.

Sendo assim, indagamos a literatura sobre o assunto. Concretamente, no que se refere ao tema específico de mudança ou não, nos projetos de vida em mulheres de uma determinada comunidade, os resultados da indagação não foram muito estimulantes, pela carência de uma bibliografia que respondesse de uma maneira objetiva e científica ao nosso tema.

Esta carência bibliográfica pareceu-nos significativa, uma vez que existe um considerável volume de literatura destinada à discussão da questão feminina e dos problemas de integração da mulher na sociedade contemporânea.

As pesquisas se voltam para: a questão da participação feminina como força de trabalho nas sociedades capitalistas; para o crescimento dos movimentos feministas e sua interligação política; para a identidade sexual da mulher; para o papel das reprodutoras invisíveis mas, pouco se escreveu e discutiu a respeito da ideologia que a própria mulher acriticamente reproduz.

Pareceu-nos que a existência de preconceitos referentes ao papel ideológico da mulher na família inibem estes estudos.

Assim, o interesse maior está em divulgar problemas referentes à dupla jornada de trabalho, já que é um problema mais imediato.



Esta pesquisa é portanto o resultado de interesses humano e teórico, em iniciar uma determinada linha de estudo.

Temos consciência de suas limitações as quais não constituem enfoque exaustivo do tema.

Alimentamos, no entanto, a esperança de que poderá ser útil para outros pesquisadores. Para nós mesmas, constitui-se no ponto de partida de uma linha de trabalho e de pensamento que procuraremos desenvolver.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A mulher, enquanto reprodutora biológica e ideológica, sofre influências fortes por parte da cultura predominante em nossa sociedade.

Essa cultura prescreve como deverão agir homens e mulheres e, como se deverá compor e estruturar uma família.

Percebemos que quando a mulher age dentro dos padrões vigentes, ela é glorificada aparentemente como "rainha do lar" mas, se ela tiver um posicionamento contrário, ela sofrerá sanções através de sua comunidade.

Este trabalho tem como objetivo, ocupar-se da mulher enquanto vítima e enquanto cúmplice desta reprodução de valores.

Para tanto será focalizado o discurso de quinze (15) mulheres (selecionadas dentre trinta (30) mulheres entrevistadas) através do qual elas projetam sua vida e encaram o processo educativo que as torna mulheres.

Foi, portanto, a partir dos discursos que se fez a análise.

Olhou-se primeiramente a representação do real, através da fala das mulheres, e foi através da análise desses discursos que se explorou o projeto de vida, ao nível individual e geral no grupo.

### 1.1. Definição do problema

ceber o que fundamenta e motiva o projeto de vida de cada mulher entrevistada. Perceber portanto, até que ponto é apenas uma reprodução do aprendido, e até que ponto existe a vontade de uma mudança.

A seguir, tentar perceber como a influência ideológica absorvida por cada mulher, educada por uma determinada família em um determinado momento histórico, faz com que ela - mulher analisada -, se posicione de uma certa maneira em relação aos homens e ao trabalho cotidiano por ela executado.

Discutiremos pois, a mulher que fala de si mesma enquanto menina,

Em outro momento tentaremos, sempre a partir dos discursos, penetrar nesta reprodução ideológica para perceber como ela é transmitida para a geração seguinte.

Só então poderemos pensar em como a ideologia torna mulheres submissas e impossibilitadas de encontrarem no trabalho doméstico uma equiparação com o trabalho executado na esfera pública.

## 1.2. O objetivo do trabalho

Sob o ponto de vista teórico, o que se procura caracterizar aqui, é a ideologia enquanto justificativa ou tentativa de superação de determinados comportamentos sociais, estereotipados em determinados projetos de vida.

Quando analisamos os discursos, percebemos que a dupla subordinação sexo-trabalho estava intimamente ligada ao

projeto de existência de cada mulher. Havia um aspecto anterior ao nível de consciência, ou seja, de como ela havia adquirido a diferenciação entre o que a tornara mulher e, como os contatos com outras mulheres recolocavam os valores que ela havia absorvido enquanto criança.

Há pois, um momento de "olhar para dentro" e um momento de "olhar para fora" do eu pensante e, ambos justificam os comportamentos de homens e mulheres em dada comunidade.

No plano empírico, o objetivo é partir de alguns elementos contidos no discurso para repensá-los à luz de reflexões teóricas baseadas na Bibliografia. Usando-se afirmações encontradas na mesma, partiu-se também para olhar na realidade empírica, algo que se intere com o objetivo sempre presente de abrir o leque de discussão a respeito da mulher enquanto pessoa, ora ativa, ora passiva dentro do processo de dominação observado.

Não se trata de um trabalho definitivo sobre o tema, mas seus objetivos poderão ser considerados satisfatoriamente cumpridos, se for aberto mais um espaço para discussão e, despertar na comunidade acadêmica vinculada a este campo, um certo interesse para o problema da submissão da mulher.

### 1.3. Estrutura do trabalho

Na apresentação final, foi seguida a seguinte ordem: em primeiro lugar mostrou-se a pesquisa com seus diversos momentos e o enfoque teórico usado para este trabalho.

Em um segundo momento, mostrou-se o universo da pesquisa com a localização geográfica e uma antropologia visual para melhor caracterização da comunidade e de sua população.

Em terceiro lugar, se formula a discussão sobre se há ou não mudança nos projetos de vida a partir das histórias de vida nas quais se buscará pontos relevantes para a discussão e posterior reflexão.

#### 1.4. Referência Bibliográfica

SARTRE, J.P. - Consciense de soi et connaissande de soi. Bull de la sociedad francesa de filosofia, Sescon del 2 de junio de 1947, p. 81.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

No capítulo referente à metodologia, usaremos duas divisões. A primeira de como se conseguiu coletar os dados necessários para a análise. Em segundo de como, usando-se várias leituras estabelecemos pontos de partida para chegarmos ao problema descrito anteriormente, ou seja, a dupla opressão.

## 2.1. A pesquisa

Pretende-se com esta pesquisa perceber como se dá a articulação, ao nível ideológico, entre sexo e trabalho, numa comunidade no litoral da Ilha de Santa Catarina.

A escolha da área e a definição do tema prende-se ao fato da autora residir nesta comunidade há cinco anos.

Para melhor ilustrar nossa pesquisa iremos elaborar uma documentação fotográfica de algumas mulheres entrevistadas, na linha de uma Antropologia Visual.

As seriações fotográficas são tão fiéis quanto possível, face a realidade social e econômica evidenciada e, com a finalidade de maior caracterização da área e de sua população.

Como centro da pesquisa temos a observação direta participante e a gravação de histórias de vida.

Com relação ao calendário da pesquisa relatamos que, esta iniciou-se em junho de 1982, interrompeu-se porém a pesquisa em julho já que havia férias escolares. Isto se deu, uma vez que muitas mulheres entrevistadas se empregavam como faxineiras, enquanto que sobrinhas, irmãs e filhas mais velhas cui



davam dos afazeres domésticos.

Houve duas idas ao campo de estudo, já que queríamos que houvesse um espaço entre uma e outra visita para não cansarmos as entrevistadas.

Primeiro, fizemos uma observação do universo para constatar quantas mulheres poderíamos entrevistar. Nesta primeira etapa aplicamos um pequeno questionário onde tínhamos como objetivo saber:

- 1 - número de mulheres na casa
- 2 - o estado civil
- 3 - quantas trabalhavam
- 4 - de que tipo eram seus afazeres
- 5 - de que forma eram remuneradas
- 6 - de que maneira participavam do sustento da casa
- 7 - com quem dividiam o trabalho
- 8 - quem cuidava e orientava as crianças.

Ao mesmo tempo que fazíamos este questionário, fazíamos observações particulares a respeito da habitação, do tipo de relacionamento com os familiares e, do problema que as entrevistadas colocavam livremente.

Podemos dizer que, nesta primeira fase coletamos toda e qualquer informação possível, além de perceber as condições de habitação, saúde e educação em que se encontravam as mulheres que habitam ao longo do "Caminho da Barra".

Esta etapa de estudo exigiu uma atenção considerável, requerendo não só presença de espírito, como desenvolvimento da sensibilidade para poder registrar todos os acontecimentos acessíveis e relevantes, fossem elas impessoais e inter

peçoais.

Eliminamos deste universo mulheres que não trabalhavam em casa por serem empregadas domésticas sem laços familiares, senhoras muito idosa, com dificuldade de colocar seu projeto e, mulheres chegadas recentemente ao local.

A segunda etapa foi a do registro, quando não somente se questionava livremente e sim fêz-se um levantamento por escrito das trinta (30) mulheres escolhidas. Levou-se em média trinta (30) minutos em cada casa, e procurou-se descobrir e anotar não só o que, havia de implícito e sim detectar contradições nos discursos. Esta etapa se deu em um clima relativamente formal e, as mulheres se esforçavam uma vez que sabiam que pretendíamos escrever um trabalho sobre o trabalho doméstico.

Nesta etapa usamos gravador, diário de campo e fichas com anotações pessoais que eram feitas na rua.

A etapa seguinte foi a da análise do material coletado e, o diário de campo foi o melhor auxílio para a manutenção da auto-consciência da autora.

Foi através do diário de campo que se pode manter um equilíbrio entre a observação sistemática e outras que foram classificadas segundo seu grau de importância.

Segue-se que, para chegar à realidade social precisa-se de uma metodologia e que esta só pode ser executada quando acompanhado por técnicas capazes de isolar dados que foram retirados da realidade a fim de estudo.

Neste trabalho, as técnicas escolhidas foram aque-

las que auxiliavam a técnica da observação participante, ou seja, que se fundassem sobre a comunidade verbal e visual escolhidas de ante-mão.

A observação participante, é uma técnica muito usada em antropologia, e tem como finalidade fazer do pesquisador um personagem da comunidade estudada.

As entrevistadas ora eram livres ora se davam com ajuda de uma informante. Quando usamos a forma mais livre, usamos da intuição para achar um caminho para a realidade que nos parecia ainda confusa.

É relevante colocar que foi o primeiro contato informal com uma observação direta e livre que possibilitou que delimitássemos provisoriamente o campo de estudo.

Ajudou-nos muito participarmos de vários tipos de trabalho feminino - confecção de mantas de tear, confecção de rendas, coleta de berbigão o que nos permitiu captar conversas livres que nos ajudaram a orientar posteriormente as entrevistas.

Existe então um momento de coparticipação consciente, sistemática, ressaltando a limitação relativa do pesquisador.

Queremos colocar, para finalizar, que a história de vida é o próprio corpo deste trabalho, além das outras técnicas, pois foi a forma que encontramos para que a entrevistada mostrasse sua "Weltanschauung" (visão de mundo).

Foi importante que a entrevistada ao falar de sua história de vida como se via a si própria e, entrava em con-

tradições constantes, uma vez que em muitos momentos surgia a vontade de quebrar a cadeia da submissão, mesmo que não criticava a ideologia vigente.

Esta técnica só se realizou com o auxílio do gravador e assim as gravações são como que documentos que ao lado das fotografias legitimam este trabalho.

As autoras do discurso, sempre se mostraram dispostas a contar de sua vida, seu trabalho, maternidade e, sobretudo a respeito das dificuldades, enquanto mulheres.

Mesmo havendo um roteiro, estão não era usado de forma fixa, pois optou-se por uma maior flexibilidade ao se introduzir as perguntas só com a finalidade de dirigir a conversa para a história de vida.

Das trinta mulheres que foram entrevistadas, 15 foram selecionadas e serão apresentadas no decorrer do trabalho por letras do alfabeto.

Deve-se salientar que não só as respostas afirmativas foram transformadas em pontos de reflexão, já que a própria contradição nos discursos se mostrou de suma importância. O fator "lembrança do passado" muitas vezes vem repleto de um caráter fantasioso que, é importante uma vez que também nele podem ser encontrados dados explícitos e implícitos para a análise de um mundo simbólico.

## 2.2. O enfoque teórico

Saber até que ponto, ao nível ideológico, a mulher

é limitada e perceber até que ponto se dá este grau de subordinação, é o objetivo deste trabalho.

Queremos saber até que ponto ela é indiferente para com sua condição e sua situação uma vez que recebe toda uma educação restritiva e sempre voltada para o lar interiorizando a sua opressão.

"A linguagem, a comunicação, as mensagens que formam uma dada cultura, são fruto do modo concreto e específico pelo qual se organiza a sociedade.

A família, sendo uma das instituições de transmissão dos valores culturais, é parte essencial desta ordenação.

Nela tem papel primordial a mulher, a quem incumbe educar e socializar a geração imatura. Por este seu papel essencial para a conservação dos valores culturais, a análise das expectativas sociais quanto ao comportamento da mulher, e de sua própria adaptação ou resistência com relação a estas expectativas, é imprescindível para a compreensão do funcionamento da ideologia na organização da sociedade, a fim de caracterizar a possibilidade de ruptura e de mudança social"(1).

A partir desta colocação, percebemos em primeiro lugar que a família tem grande força ideológica uma vez que, inicia o processo de socialização sob a responsabilidade básica da mulher, que contraditoriamente assegura um modo patriarcal de família.

Sendo assim, é importante que a mulher se torne reprodutora ideológica de toda uma opressão que garante a divisão de trabalho doméstico e trabalho público.

"...foi somente com o surgimento da família patriarcal que a vida social se dividiu em duas esferas nitidamente diferentes: a públi-

ca e a doméstica... A mulher foi relegada à esfera doméstica pela divisão do trabalho entre os sexos, enquanto se desenvolvia, através de milênios, uma poderosíssima ideologia que ainda determina a imagem da mulher e o seu papel na vida social" (2).

Ora, esta "poderosíssima ideologia" faz com que existam valores que permitem que a mulher seja dominada, recebe um nome que lhe obriga a ser fiel e é esta ideologia que legitima ao homem explorá-la impunemente. Existe pois uma justificação via valores aceitos, da submissão da mulher.

Aceitamos que, a ideologia sendo neste trabalho vista como operacional, pode ser usada de um lado por aqueles que detêm o poder e do outro revisada pelos dominados.

Isto levaria a ver a mulher como capacitada para aceitar ou não estes valores, ou seja dava-lhe o direito de aceitar ou não as normas vindas de "cima".

Neste caso, teríamos mulheres submissas quanto sem consciência e vontade para transformar essa ideologia, que permite sua dupla submissão e exploração.

Surge aqui a necessidade de colocarmos a mulher enquanto reprodutora desta ideologia, enquanto elemento chave para esta conservação dos valores dados.

Neste momento o problema configura-se de forma diferente.

Uma vez que a mulher foi educada pela sua própria mãe, a ser passiva e submissa, notamos que a posição crítica frente a ideologia sexista é delicada.

Faz-se necessário perceber como a própria mulher ao transformar ideologicamente, crianças em homens e mulheres , torna-se cúmplice de todo um sistema de valores que fazem dela um ser desprezível no trabalho doméstico e no sexo, uma vez que ela própria desvaloriza o seu trabalho e seu valor social.

Ser mulher seria então, para as próprias mulheres, estar submetida a uma relação sempre desvantajosa diante do homem, pois a sociedade joga "de cima" valores que revisados pela mulher, são por elas aceitos.

Retomando, a mulher aceitou que "naturalmente" é diferente do homem.

Esqueceu-se a mulher que não existe um pensamento "natural" sobre a natureza e sim que o pensamento é feito com base em valores ideológicos ou seja, a natureza é vista por uma percepção e conceituação da natureza, pelos valores de uma dada sociedade. Segue-se daí que quando as entrevistadas falam de seus ciclos biológicos - como infância, menarca, defloramento, maternidade, - colocam não uma "natureza feminina" no discurso e sim a sexualidade vista de forma cultural.

É pois necessário lembrar que a ideologia interpreta o real e que cabe à vontade criar outros símbolos, pois é ela que leva a um projeto, a execução deste projeto e sobretudo ao consentimento de ter um projeto.

O ser humano é um ser que comporta uma negatividade, uma vez que o mundo é mais do que pode ser visto e portanto é tudo que pode ser dito. Ora, o ser humano recebe o real antes de ter condições de ter vontade de perceber.

"O indivíduo internaliza o real conforme é revelado ideologicamente, isto é, não como um retrato da própria realidade, mas, ao contrário, a realidade conforme é vivida por ele e conforme é traduzida através de sua experiência individual e da experiência expressa coletivamente por sua comunidade cultural" (3).

Segue-se que a mulher ao receber os valores de sua sociedade os recebe em idade muito tenra e, aceita como natural que o sexo feminino é dominado pelo sexo masculino.

"O conceito de sexualidade é um conceito completo, na medida em que se situa entre a natureza e a cultura. Ele seria natureza no que se refere ao biológico, mas, sendo o biológico traduzido e reinterpretado pela cultura, a sexualidade é uma construção social. Neste sentido, a sexualidade é uma representação, é uma tradução de relações sociais. E como estas se dão dentro de um campo de poder, o conceito de sexualidade comporta também uma dimensão política: a relação de poder entre os sexos" (4).

O sexo feminino está ligado a uma mística, que faz de uma mulher um ser que precisa casar e ter filhos e para tanto deve desenvolver requisitos básicos tais como docilidade, passividade, fragilidade e sobre tudo deve ter uma natureza sensível, emotiva que deverão levar a qualidades características como fidelidade, recato e bondade, fundamentais para tornar-se "digna" de um casamento.

Ora esta "natureza feminina" é colocada pela família, pela escola e por exemplos na comunidade.

"A legitimação desta assimetria em nome de um biológico histórico recorre frequentemente ao argumento de que o sexo é um elemento univer-



sal porque natural.

Entretanto, estudos antropológicos demonstram que, havendo uma universalidade de sexo e da idade como elementos de diferenciação na divisão social do trabalho, o tipo de diferenças e as hierarquizações daí resultantes, longe de serem universais são, ao contrário extremamente específicas.

Tais estudos demonstram, em suma, que não existe uma divisão de papéis sexuais de caráter universal pois esta varia de sociedade em sociedade.

Se em determinada sociedade a colheita, por exemplo, é uma atividade masculina e em outra é uma atividade feminina é porque a divisão do trabalho se apoia em critérios sociais e não em critérios biológicos...

Essa essência, esta natureza é, paradoxalmente, possível de ser, a todo momento, perdida e, para que tal não ocorra a cultura se mantém vigilante.

Assim, ela deve ser constantemente aprendida, vigiada, controlada. Perder a feminilidade ou a masculinidade é uma ameaça constante e as regras para que tal não ocorra devem ser acatadas desde a infância, nos tipos de brincadeiras, nos "modos, no próprio de meninos e meninas" (5).

Retomando, a família é a encarregada de manter o controle sobre as pessoas que dela participam e, a mulher faz este controle ideológico reproduzindo valores que auxiliam a continuidade do sistema.

Sendo ela a responsável direta pela viabilização de possíveis alterações no processo de socialização cabe a ela repensar a ideologia. Entretanto sua possível atitude inovadora vê-se limitada pela aceitação da natureza feminina que explica a opressão dupla: sexo-trabalho.

Na verdade, existe na mulher o desejo de se libertar, e ela tenta passando pela esfera doméstica para a pública, via escola, clube e trabalho fora de casa. Notamos que quando isto vem a acontecer na sua juventude, ela demonstra claramen-

te sua revolta contra a dupla opressão que recebe na sua família e na comunidade. Mas, logo que casa e tem filhos, transforma este seu posicionamento crítico em aceitação uma vez que aceitou que fazendo parte de uma família, deverá viver e trabalhar passivamente.

Segue-se daí a razão da desvalorização do trabalho doméstico: o trabalho da mulher é uma "das coisas de mulheres" mesmo que nele passe horas e mais horas de seu dia, de sua vida.

"... se levamos em consideração as horas que a mulher deve dedicar aos afazeres domésticos, vemos que frequentemente excedem às horas de trabalho do marido fora de casa. A remuneração que a mulher receberia pelas mesmas tarefas realizadas fora de casa (num hotel, num restaurante, numa clínica, numa escola, em outra casa de família); frequentemente chega a superar aquela que seu companheiro recebe no campo, numa mina ou numa fábrica. Mas o trabalho não-socializado do lar não é computado, não é reconhecido socialmente. É um trabalho invisível" (6).

Decorre daí que, é através de uma ideologia aceita e reproduzida que a mulher legitima sua dupla opressão: sexo-trabalho, uma vez que aprende que é sua natureza feminina que a leva a esta opressão.

Sendo assim, a sociedade via família, via mulher transforma crianças em homens e mulheres presas a uma cadeia de preconceitos que asseguram ao sistema uma longevidade maior.

### 2.3. Referências bibliográficas

ALVES, B.M. - Ideologia e Feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Editora Vozes, 1980, pg. 20.

ENGELS, F. - A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Rio de Janeiro, Av. Brasil, 1980, p. 14.

ALVES, B.M., - Ibid, pg. 27.

CERES, Grupo - Espelho de Vênus. São Paulo, Brasiliense, 1981, pg. 307.

ROMANI, Jacqueline - Mulher: Natureza e Sociedade. In O lugar da Mulher. Rio de Janeiro, Graal, 1982, pgs. 62-63.

VIEZZER, Moema - Se me deixam falar..., São Paulo, Global, 1982, pgs. 159-160.

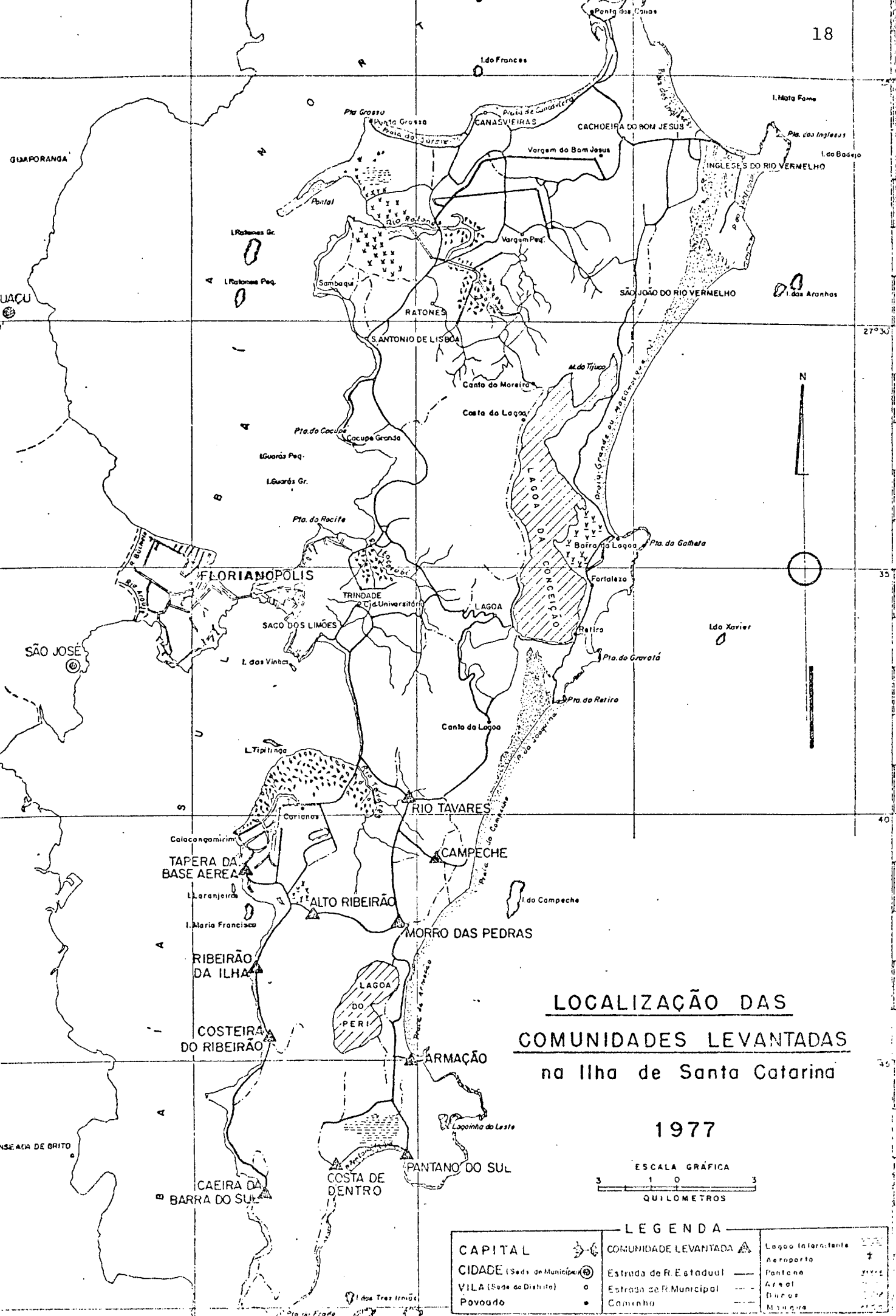
C A P Í T U L O    I I I

C A R A C T E R I Z A Ç Ã O   D A   Á R E A   D E   E S T U D O

### 3.1. MAPA DA ILHA DE SANTA CATARINA

Escolhemos para a área de pesquisa o "Caminho da Barra", que corta o Distrito de Santo Antônio de Lisbôa pelos morros, distanciando-se ora mais, ora menos da orla marítima. Por este itinerário chega-se a outro balneário, o da Barra de Sambaqui.

É neste "Caminho da Barra" que moram as mulheres por nós entrevistadas e que fazem parte de um universo bastante diferenciado daquele encontrado na vila e no balneário.



**LOCALIZAÇÃO DAS  
COMUNIDADES LEVANTADAS  
na Ilha de Santa Catarina**

1977



— LEGENDA —

<b>CAPITAL</b>		<b>COMUNIDADE LEVANTADA</b>		Lagoa Interstente	
<b>CIDADE</b> (Sede de Município)		Estrada de R. Estadual		Aeroporto	
<b>VILA</b> (Sede de Distrito)		Estrada de R. Municipal		Área al.	
<b>Povoado</b>		Caminho		Dunas	
				Alagunga	

### 3.2. FOTOGRAFIAS





ASPECTOS DA VILA DE SANTO ANTÔNIO  
DE LISBOA E CAMINHO DA BARRA.



ASPECTOS DO COTIDIANO  
NO CAMINHO DA BARRA.

### 3.3. Povoamento e Colonização

A Ilha de Santa Catarina, chamada antes de Ilha dos Patos foi descoberta em 1515 pelo navegador João Dias de Solis e posteriormente por outros navegantes espanhóis, tais como: Sebastião Caboto, em 1525; Diogo Garcia, em 1527; e Álvaro Nunes Cabeça de Vacca, em 1540.

Foi pois a Ilha de Santa Catarina visitada por diferentes expedições marítimas que somente tocavam o litoral para reabastecimento de água.

Não houve nenhum início de povoação:

"E, em 1650, vamos encontrar a Ilha ainda por colonizar, apesar de achar-se já o Brasil dividido em Capitânicas e desde 21 de janeiro de 1535 estar de posse de suas terras e do continente 70 léguas no litoral, desde Cananéia à Laguna, Pero Lopes de Souza, irmão de Martin Affonso, nomeado pelo governador português, em 1530, comandante geral de terra e mar" (1).

Dá-se o povoamento da Ilha de forma lenta e acredita-se que a fundação do povoado dedicado à Nossa Senhora do Desterro deu-se com Francisco Dias Velho Monteiro na segunda metade do século XVII.

João e Salvador Pires com suas famílias, 500 índios domesticados, dois padres jesuítas e um agregado com família iniciaram a colônia.

Foi a ilha atacada por piratas e morre Velho Monteiro, os sobreviventes abandonaram a ilha, isto por volta de 1689.

Somente, no século XVIII a monarquia portuguesa consolida as conquistas do Sul e, por volta de 1740 e 1744 é iniciada a construção de algumas fortalezas e concomitantemente armações para pesca de baleia.

"De 1678 a 1709, data em que a ilha e a terra firme passaram do governo do Rio de Janeiro para o de São Paulo, o número de povoados aumentou de certo modo, pois nesse período vem fixar-se para os campos de Araçatuba, no continente ao sul e no Massiambu, o capitão Antonio Bicudo de Camacho, trazendo em sua companhia vinte ou trinta casais de agricultores. Por esse tempo, chegava também à ilha um sobrinho de Camacho, o padre Matheus de Leão, com alguns homens de lavoura, a ocupar os terrenos confinantes com os do Velho Monteiro, desde a Lagoa até ao rio Ratonas".(2)

É interessante salientar que a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades, o atual Distrito de Santo Antonio de Lisboa foi fundada nesta época, uma vez que se situa perto do rio Ratonas.

Foi ocupada primeiramente pelos colonos que vieram para a Ilha com o padre Matheus de Leão, com terras de sesmarias de uma légua em redor.

Com o pedido do brigadeiro José da Silva Paes e com o consentimento do Conselho Ultramarino em 1746 é que vieram os colonos açorianos e que deram um novo impulso à terra catarinense e, marcaram a Ilha com suas peculiaridades culturais.

Estes imigrantes vieram nos anos de: 1748, 1749, 1750 e 1752, completando 4.024 pessoas. Cabral<sup>(3)</sup>, já escreve que entre 1748 e 1756 foram feitos cinco transportes das Ilhas dos Açores e Madeira para o litoral de Santa Catarina, perfa -

zendo um total de 6.372 pessoas.

O que levou o Conselho Ultramarino a aprovar o recrutamento de colonos foi a superpopulação das Ilhas - S. Miguel, Graciosa, São Jorge, do Pico, Terceira, Santa Maria, F<sup>a</sup>ral e Flôres e, como já foi dito, a necessidade de consolidar a ocupação das terras do sul, uma vez que havia um avanço espanhol.

Os imigrantes foram distribuídos nas diversas freguesias. Estes imigrantes dedicavam-se as culturas de trigo, linh<sup>o</sup>, mandioca, pinheiro e posteriormente do algodoeiro.

Em 1777, houve uma invasão espanhola e sob o comando de D. Pedro Zeballos, foram ocupados todas as fortificações e deu-se a rendição.

Com o tratado de Santo Ildefonso em 1778 os espanhóis deixaram a Ilha, sendo que Francisco de Barros de Moraes Araujo Teixeira Homem governa então a Ilha ampliando o comércio, funda-se o Hospital de Caridade e aparecem os primeiros engenhos de açúcar. Seguem-se outros sete governadores até que, com Thomaz Joaquim Valente, proclama-se a Independência e o poder é entregue à Junta do Governo Provisório.

Depois tem a Ilha os presidentes da Província e, devido a carta de lei de D. Pedro I, em 20 de março de 1823, Desterro foi elevado à cidade.

Dentro deste quadro, a freguesia de Santo Antonio floresce quase que simultaneamente ao lado de Desterro, entre Cacupê e Ponta da Ilhota.

O porto de Santo Antonio é descrito por Virgílio

Várzea.

"O porto de Santo Antonio é manso e movimentado por um commercio maritmo maior que o de todas as freguesias. Embarcações miudas, em grande número, remam ou velejam diariamente entre as suas praias e o Desterro, sobretudo quando, como é frequente, há ali fundeados navios mercantes ou de guerra, nacionaes ou estrangeiros, cujo calado não lhes permite passarem além dos ancoradouros de Santa Cruz e Sambaqui".(4)

Pode-se pois notar que a Ilha de Santa Catarina começa a ser visitada no século XVI, que seu povoamento se inicia no século XVII com as fundações vicentinas, e que, no século XVIII é, iniciada a construção de fortalezas e armações quando são atraídas pessoas à Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, Como ainda são em número insuficiente para povoar a Ilha inicia-se a colonização açoriana.

Segundo os relatos históricos, percebe-se que o Freguesia Nossa Senhora das Necessidades, o atual Distrito de Santo Antonio teve seu início por volta de 1750<sup>(5)</sup> e foi uma das primeiras povoações.

Para Virgílio Várzea<sup>(6)</sup>, a freguesia já estava coberta de palhoças e lavouras por volta de 1714.

### 3.4. Situação atual e caracterização da população estudada

Dentro do Distrito de Santo Antonio de Lisbôa está o "Caminho da Barra" que é a área de estudo deste trabalho.

O Distrito de Santo Antonio de Lisbôa faz parte

do Município de Florianópolis que engloba municípios adjacentes também no continente, perfazendo uma área de 451 km<sup>2</sup>.

Com base ao Recenseamento geral de 1980, feito pelo IBGE, a população do Distrito é de 7.306 habitantes que subdividem-se em 3.629 homens e 3.677 mulheres.

Cabe aqui salientar que o "Caminho da Barra" corta o Distrito por entre os morros, estando pois afastado da Orla marítima.

O INCRA convencionou chamar esta área de rural, uma vez que a falta de infraestrutura básica é visivelmente notada.

A propriedade da terra é pulverizada, a não ser duas propriedades maiores: de um lado uma monocultura de abacaxi, tipo empresa e, de outro, uma criação de gado e plantação de pastagens, sendo que ambas as propriedades são acessoradas por técnicos da ACARESC, e seus proprietários não são oriundos do local.

A maioria das entrevistadas não tem posse legal de seu lote. Sabe-se, que tal lote vai de tal fonte a tal pedra, e que pertencia a esta ou aquela pessoa, mas a escritura está com o pai, o tio ou qualquer parente.

Mas, quem é responsável pelo terreno é o chefe da família mesmo que o terreno tenha sido uma herança da mulher.

O quadro de pobreza fica claro, antes de entrevistar os moradores, quadro este que se apresenta pela falta de fossas, de água encanada, de luz e pela falta de benfeitorias nos quintais.

A pobreza é vista também pelo tipo de habitação, grau de escolaridade, saúde, vestuário e falta de instalações higiênicas básicas.

Se temos de um lado, moradores da vila de Santo Antônio com uma certa escolaridade e especialização em um trabalho qualificado, percebemos que os moradores do "Caminho da Barra" exercem as mais diferentes atividades do setor terciário e que foram especializados na pesca e na pequena lavoura.

Segue-se que a ocupação anteriormente executada é no momento mera ocupação acessória.

Dos homens que tem renda fixa, a ocupação varia entre serventes, pedreiros, vigias, caseiros, cobradores de ônibus, trabalhadores de preservação de estradas, ajudantes de jardineiro, lavador de pratos, ajudante de padeiro, garçon de restaurante turístico na praia de Sambaqui ou varredor de praia.

Na época da pesca da tainha - no inverno, ou na época da venda de milho cozido ou caldo de cana - no verão, muitos abandonam seus empregos.

Pode-se afirmar que os adultos usam do biscate para garantir um vestuário especial para os dias de festa ou para a aquisição de qualquer utensílio ou objeto como jogo de sala, moenda de cana, bicicleta etc..., uma vez que o ordenado é para o sustento familiar.

O Distrito de Santo Antonio de Lisboa tem sua vila ou freguesia administrada por un intendente indicado pelo Prefeito de Florianópolis.



É na vila que estão situados a Intendência com um telefone e dois policiais. O Posto Médico e Odontológico, a Creche, a Escola e a Igreja.

Os Clubes e sedes locais de partidos políticos, vendas e açougue são encontrados também na vila.

As mulheres entrevistadas, moram a uma certa distância da vila (três km) e algumas não tem nenhum contato com mulheres de fora da comunidade do "Caminho da Barra" ou até com mulheres do Clube das Mães (Associação de Mulheres, financiada pelo governo, aonde se aprende a costurar, os primeiros socorros, higiene, isto é, um aprendizado relacionado ao cotidiano).

Moram em sua maioria em casas de madeira dividida em varanda (sala), cozinha e quarto(s).

Existem também casas de adôbe (feitas de tijolo seco ao sol e empregado cru) e poucas de alvenaria.

A casa é de importância fundamental já que é lá que se dá todo e qualquer relacionamento familiar, como também a confecção de renda, o cuidado com os filhos e todo o ambiente propício para o trabalhador escondido e pouco valorizado da mulher aqui estudada.

As mulheres entrevistadas variam de 15 a 60 anos e sua origem étnica é luso brasileira.

Existem algumas mulheres alfabetizadas, mas, a maioria é analfabeta, sendo que muitas passaram por um processo de lento esquecimento, já que raramente usam o alfabeto.

Quase todas tem seu casamento legalizado, uma vez

que isto, segundo elas, lhes dá o direito de serem sustentadas pelos maridos.

Parece porém que a legalização da união é para poderem comprovar burocraticamente o casamento, a fim de se valerem do INAMPS em caso de necessidade.

A religião é católica, se bem que todas procuram benzedeiras e terreiros para explicação de seus infortúneos.

A origem das entrevistadas é quase homogênea, uma vez que a maioria é do Rio Vermelho ou de Ratoles. Talvez isto explique porque existe tanta relação de parentesco entre elas.

### 3.5. Referências Bibliográficas

VÁRZEA, Virgílio. - A Ilha. Rio de Janeiro, Companhia Typográfica do Brazil, 1900, pg. 9.

VÁRZEA, V. - Ibid., pg. 15.

CABRAL, O. - História de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Edit. Laudes, 1970, pg. 523.

VÁRZEA, V. - Ibid., pg. 154.

CABRAL, O. - pg. 72.

VÁRZEA, V. - Ibid., pg. 153.

CAPÍTULO IV

HISTÓRIA DE VIDA

Tendo trinta (30) entrevistadas e portanto 30 gravações, percebemos que algumas colocações eram por demais repetitivas. Sendo o Caminho da Barra pouco habitado, uma vez que há trechos com roças e pastos, quinze (15) entrevistadas deram uma amostra da mudança ou não nos projetos de vida.

Ao escolhermos aquelas entrevistas que caracterizam bem o processo ideológico da submissão, pensamos ter dado uma boa contribuição para o tema.

Quando escrevemos e descrevemos a história de vida, englobamos também o ambiente das entrevistadas. Através desta colocação fica claro para o leitor situar e compreender melhor a mulher entrevistada.

#### 4.1. Descrição das histórias de vida

##### Entrevistada "A"

Esta senhora de 54 anos com 7 filhos, dos quais cinco são mulheres é de Rio Vermelho, vindo para o Caminho da Barra depois de seu casamento.

As três fases mais marcantes de sua vida foram a época de ter e criar seus filhos enquanto o marido trabalhava em Santos. Para esta senhora, atualmente tudo é mais fácil, pois poucos maridos vão para outros lugares a procura de emprego, existem vizinhos, ônibus para a cidade, rádio e venda.

A casa da entrevistada "A" é de madeira e na verdade é um cômodo só, separado apenas por esteiras penduradas do teto. A água é carregada em potes e latas de uma fonte logo abaixo do terreno e que fica perto de um pequeno cafezal aonde a família evacua e joga o detrito da cozinha. Toda e qualquer ordem é dada pelo marido e, em sua ausência, pelo filho mais velho ou qualquer filho do sexo masculino. Castigos físicos do marido na mulher ou dos irmãos nas irmãs são constantes por razões pequena, como não dar milho para as galinhas ou debruçar-se na janela para ver alguém passar no caminho.

"Levo coça até quando some uma galinha". (coça-surra).

Como depende exclusivamente do marido pega ovos escondidos da família e os vende escondida de todos. Com este dinheiro compra balas na venda mais próxima. Quando faleceram seus pais houve a partilha da herança, só que para ela o di-

nheiro que foi dado só permitiu a compra de um jogo de cama para cada filha. Sua maior reclamação é de não ter um fogão a gás, uma geladeira e água encanada.

Dos filhos recebeu um jogo de copa, o que a deixou radiante.

"Viver é para ter filhos, pois o que seria da velhice...".

Para ela qualquer trabalho doméstico deve ser da mulher e, o divertimento deve ser dançar em dias de festa.

"Tudo mudou, as raparigas só 'curricam' (andam na rua) e se esfregam nos homens e os macho são mandados o que é uma vergonha...".

Sua história de vida é marcada claramente pelo antes e pelo depois do casamento.

Segundo a entrevistada "não tive nenhum conhecimento da pouca vergonha do casamento" e para ela é lógico que ninguém, nem o marido a viram despida, "... nunca me viu sem roupa, tive os filhos todos em casa".

Sua menstruação foi normal "fiquei assistida (menstruada) bem mocinha, chorei um pouco pois pensei que estava com doença grave, depois minha mãe me disse que agora sempre ia ficar doente, é por isso que a gente é mulher".

Seu relacionamento com o marido é uma obrigação "dou a pomba (vagina) por obrigação, casei pra isso...".

Obrigação também é o trabalho da mulher, renda, lavoura, roupa e casa é para ela "o serviço da escrava para um bando de feitores".

Para ela a vinda de uma filha é motivo de lágrimas e mesmo que elas não aceitam o que ela diz, depois de casadas a compreendem. "As filhas s<sup>õ</sup> cheiram o cu do pai até o casamento, depois me procuram e s<sup>ã</sup>o muito minhas companheiras". (cheiram o cu = agradam).

A respeito da diferenciação entre homens e mulheres aceita que não existe possibilidade de qualquer mudança, pois "homens e mulheres s<sup>ã</sup>o diferentes e de nada adianta querer mudar pois é m<sup>ã</sup>ndo de Deus. A mulher é suja e pecadora e é no casamento que paga suas penas. Se os filhos forem bons é porque foi absolvida..."

Entrevistada "B"

Esta entrevistada é a filha mais moça da entrevista da "A". É considerada pela comunidade como bonita e ativa. Trabalha como empregada doméstica. Sua idade é de 15 anos e suas lembranças são bastante marcantes pelas atitudes da mãe, do pai e da irmã que tornou-se prostituta em Curitiba.

Fica bastante revoltada quando fala de sua infância como também dos dias atuais. Teve muitas facilidades pois fez primário e porque as irmãs muito a prepararam sexualmente.

Segundo ela, o futuro será diferente pois não quer ser escrava de ninguém. Seu maior problema é conhecer um homem que não seja do "Caminho" pois pretende uma vida diferente.

"Não aceito que o guri só joga bola e tem comida no prato e roupa lavada, quando moço trabalha no duro lá na rua mas a gente que é mulher também trabalha duro e nunca pode estar cansada e ninguém dá comida na boca, eu não vou ser escrava, já não faço renda pra não ver o tempo passá sentada na soleira...".

Para ela, tudo é culpa da mulher, os homens não prestam, mas é a mulher que é culpada.

"O velho é descarado e eu ainda levo bronca porque estou de saia curta ?".

A entrevistada "B" parece estar revoltada com a situação da mulher no "Caminho" que compara com mulheres de novelas ou de fotonovelas. Sonha em ter um marido companheiro, com



a divisão de trabalho, poucos filhos e uma casa com conforto.

Dá a entender que o meio para alcançar estes objetivos é o próprio corpo.

"Tenho que bancar a boazinha com os rapazes para poder casar bem e depois de casada é que vou mostrar quem sou eu, não nasci para escrava...".

## Entrevistada "C"

Esta entrevistada tem 16 anos e é de poucas palavras. Tem uma irmã pequena e cinco irmãos com os mais variados problemas, Seu irmão mais velho que está servindo o exército está nestes dias hospitalizado por tentativa de suicídio com Racumim (veneno para rato). O outro irmão parece ter taras sexuais tentando inclusive violentá-la juntamente com uma prima. Outro irmão parece estar sendo iniciado em práticas bissexuais pelo próprio irmão e, o menor sofre de anemia e verminose crônicas.

A mãe da entrevistada "C" é uma das entrevistadas e portanto não entrarei em muitos detalhes. O pai faleceu vítima de tuberculose além de ter sido alcoólatra. A entrevistada trabalha como empregada doméstica. Até 1980 ela cuidava da casa da mãe, da horta, das galinhas, cozinhava: "normalmente eu fazia caldo de cabeça de peixe", passava e lavava e frequentava a escola pública de Santo Antonio. Abandonou a escola em 1981 pois "eu não dô para estudã, estava sempre cansada", aliou-se a este cansaço o quase defloramento e assim preferiu trabalhar fora.

Esta foi uma das entrevistas mais difíceis pois a entrevistada falava de sua vida entrecortando por crises de choro.

Deixou claro que sua educação foi diferente e ainda é, da de seus irmãos. De um lado afirmava que "os homens trabalhavam mais", do outro contava como cuidava de todos afazeres domésticos enquanto sua mãe "ia para a gandaia (farra) e fazia

contas na venda". Agora, que trabalhava fora ela dava quase todo o salário para a mãe (esta diz que não) e ao chegar em casa, ajuda sempre. "Os mano não ajudam e casa e dinheiro não dá porque precisam pagar muito na venda". Perguntada, se os irmãos (ela se refere sempre aos irmãos de 20 e 18 anos) compravam pão e leite na venda, ela teve um acesso de riso "não, não, eles gastam o dinheiro no cigarro, cerveja e samba".

Perguntada se não sentia falta da escola "eu não, eu estava sempre cansada, não tinha material e para que... não tinha namorado na escola".

Sobre divisão de trabalho é categórica "tem trabalho para homens e trabalho para mulher". Para a entrevistada "C" mulher que trabalha na rua é sujeita a namoros não supervisionados pela comunidade e isto levaria normalmente a prostituição.

Sobre sexo era bastante informada. Menstruada aos 15 anos, para ela não havia novidade, pois as colegas já lhe contaram a respeito. Deu a entender que se masturbava muito quando presenciava fatos que a excitavam.

"... fulano e o tio X sempre que vai em casa passa a mão na babaca (vagina) da mãe e ela gosta bastante e eu fico toda arrepiada". Logo depois fala que chora de vergonha, que tem medo etc... Depois ficando alegre repentinamente disse que via a mãe manter relações com fulano e tio X e, perguntando a ela o que sentia: "ai se eu tivesse lá".

Sente falta do pai "pois ele bem que dava umas coça (surra) nos guris e não ia ter esta falta de vergonha lá em cada", logo depois diz "é bom não ter pais pois assim a mãe

não apanha e tem coisas dentro de casa".

Segundo a entrevistada "C", os irmãos criticam a mãe por ela ser namoradeira e não cuidar deles, mas diz a entrevistada "quando o pai morreu a gente morava num barraco de estuque e nós dormia no chão por cima de esteiras, agora temo televisão, toca-disco e rádio e é a mãe que compra, a casa não, esta é herança, mas o que tem dentro foi a mãe que comprou".

Seu projeto de vida resume-se em casar virgem e por isto é que se cuida tanto: "não faço o que tenho vontade para não cair na boca da rua, já chega a mãe!" É contra aborto mas diz "só eu sei de mim, só eu é que mando no meu corpo". Seu homem ideal é Rudi da novela das 20:00 horas<sup>(1)</sup> pois "é bom para a mãe, para a irmão e é muito carinhoso". Mulher ideal é aquela que é "quieta, sofrida e sempre pronta para o seu homem, aquele que escolheu ela". Seus filhos, ela vai educar como sua mãe educava: "tudo bem separado, mulher de um lado, pois é mulher e ela tem que aprender cuidar da casa e dos filhos homens já não, este é para a rua" e logo depois "é bom que aprendam a ler e escrever e que os guris aprendam uma profissão".

Dança com mulheres, é mais seguro.

Entrevistada "D"

Esta entrevistada tem 27 anos e é mãe de dois filhos. Casou quando já estava grávida, sabe-se que antes destes ela ficou grávida com 15 anos de seu atual marido, sendo que a criança foi dada. Quando pequena seu pai faleceu e foi uma dos únicos filhos (19 filhos vivos) que ficou com a mãe. Relaciona-se com todos os irmãos que foram criados por parentes, instituições ou outras famílias. Sua história de vida quase que gira em torno do seu marido com quem se iniciou sexualmente antes da primeira menstruação aos 13 anos.

Faz renda, cozinha (aprendeu no SESC), trabalha em casa e fora de casa. Quando engravidava perdia seus desejos sexuais e então apanhava a ponto de desfalecer. Por ter ficado incapaz de trabalhar na última gravidez, o marido a abandonou, deixando-a com uma filha com 1 ano e 2 meses, uma irmã de 9 anos que ajuda a criar (perdeu a mãe recentemente e só não morreu de fome porque outra irmã a sustentou).

As mulheres do "Caminho" foram a favor do marido da entrevistada pois ela não cumpria com sua obrigação de mulher casada.

Às vezes o marido aparecia para saber se ela estava se comportando bem, e por qualquer razão quebrava portas e janelas, deixando-a mais doente.

Ao encontrá-la conversando com um primo, surrou-a tanto que ela resolveu procurar um juiz. Tudo foi acertado para a sua proteção mas foi o menino nascer e ela voltar a trabalhar, e o casal voltou a dar-se bem. "Não sei porque X é as-

sim, afinal ganha bem, trabalha com caminhão e com ou sem o meu salário, vivemos bem... ele tem é muito ciúme... coitado!" Mesmo quando ele bate na filha ou tenta abusar sexualmente da cunhada a entrevistada "D" o desculpa, "sabe, ele é homem , ele não sabe se controlar...".

Seus filhos, pretende educar iguais, pois hoje em dia os dois trabalham e querem a liberdade diz a entrevistada, mas "que vai sobrar mais trabalho para a guria é claro, não dá para mudar... mulher não deve ser escrava, deve-se cuidar para ter poucos filhos, deve responder quando mandada mas na cama o homem deve ser macho, é Deus que quer assim...".

Entrevistada "E"

Foi selecionada por ter muito contato com as entrevistadas, pois mora ao lado da venda.

Esta entrevistada de 45 anos é de Portugal aonde teve uma infância e uma adolescência bem mais livre do que as moças do "Camino". Devido a isto deixa suas duas filhas de 15 e de 14 anos, sair e dançar sem estar sempre do lado acompanhando-as.

Mora em uma casa grande e espaçosa de material e dotada de todo o conforto. Tem horta e pomar. Seus pais moram nos fundos do quintal em uma pequena casa de madeira.

Para a entrevistada "E", "a mulher é naturalmente para o lar" e diz também que "peço tudo e qualquer tostão de que preciso, pois se eu que sou mulher casada tenho por obrigação cuidar da casa, dos filhos e do quintal, tenho também por obrigação pedir ao marido tudo que está ligado ao fora do portão...

De outra vez disse:

"peço tudo que preciso, pois a mulher casada tem por obrigação pedir ao marido, pai ou irmão ou filho homem, pedir ordem pois ele é homem, ele traz o dinheiro, ele é o cabeça e ele que manda sempre".

Notamos que para a entrevistada "E" as filhas devem se divertir mas, é papel dela enquanto mãe ensiná-las tudo que sabe sobre casa e chamar atenção para as "virtudes femininas", passividade, altruísmo, paciência. Diz a entrevistada "E", que

as "coitadas" das moças modernas da cidade pensam que isto "é coisa do passado".

A respeito do sexo, diz que quando solteira teve um comichão (atração física) pelo seu marido mas agora "o que importa é que ele me procura e que eu sempre estou pronta para fazer minha obrigação".

Sobre o resultado satisfatório ou não da relação diz a entrevistada "isto depende só dele, eu entro com o corpo, o resto é função dele".

No que diz respeito à menstruação, defloramento, gravidez e maternidade, para a entrevistada isto não é mais problema "tudo se aprende de ouvir pouco aqui e outro tanto ali e saber juntar... "Não diz nada para as filhas pois "ficaria com muita vergonha".



Entrevistada "F"

Esta entrevistada de 32 anos, mora juntamente com sua filha de 8 anos em uma casa de madeira dotada de bastante conforto, excluindo banheiro. Seu estado civil é de viúva, se bem que morou 3 anos com o cunhado, atual marido da entrevistada "J", que por sua vez é filha da entrevistada "A" e irmã da entrevistada "B".

Sua origem é por parte de pai "de algum lugar do Nordeste", e sua mãe é do Rio Vermelho.

Sendo a entrevistada "F" viúva, recebe uma aposentadoria de Cr\$ 8.000,00 (na época da entrevista - 1982). Complementa o seu salário com todo e qualquer serviço que lhe aparece.

Trabalha como faxineira, no verão ajuda na barraca do cunhado (recebendo Cr\$ 400,00 por dia), pega peixe na praia (quer dizer com esta afirmação que não sai de barco), berbigão (também conhecido por Marisco), apanha café, torra café, ajuda no preparo da farinha de mandioca, capina terrenos de veranistas, lava roupa para veranistas, faz renda de bilro (peça de madeira semelhante ao fuso, com que se fazem rendas de almofadas).

Estas formas de trabalho são para pagar a prefeitura (impostos), material escolar e roupas para ela e para a filha.

Com muito orgulho diz "a casa é pequena mas é minha". A respeito da casa pode-se dizer que é de um cômodo dividido em compartimentos através de cortinas, não tem forro mas

tem geladeira, televisão, ferro elétrico, rádio, liquidificador e jogos de sala e quarto completos.

Ao redor da casa tudo é limpo e bem cuidado, inclusive um canteiro cercado com uma rede de pesca velha de flores que segundo ela "são para levar para o cemitério", e ervas medicinais misturadas com ervas para tempero.

O trabalho doméstico é feito também pela filha que, esquenta a comida feita na véspera e que cuida do essencial antes de ir para a escola.

Na sua história de vida ela colocou que "fugiu" com seu marido e mesmo sendo virgem, disse "que era virgem escolada pois tenho irmãos".

Seu defloramento pareceu-lhe normal, segundo ela "senti a dor normal" e sentia prazer até o nascimento da filha. Tanto o marido, como o companheiro a satisfaziam sexualmente, pois eram "uns baita macho" (expressão para frizar a virilidade sexual).

Diz que sente muito a falta de um homem dentro de casa, tanto como pai como "para dividir o colchão". Faz falta, enquanto pai, porque a filha sente necessidade "uma vez que as primas e colegas tem um pai. Enquanto companheiro, por lhe faltar um homem para lhe dar sexo.

Até agora não encontrou o que queria pois "além de um tabaco grande e em forma, tem que ser só meu e trabalhar, pois já estou ficando cansada". (tabaco = pênis).

Lembrando-se de sua infância, diz que estava muito por conta do mundo, pois tinha um irmão "doente, só andava de

arrasto" e porque a mãe era benzedeira e era procurada por demais, pelo canto todo, vinha gente de Ratones, Ingleses, Canas vieiras, Ponta das Canas, era só vendo..." A entrevistada menstruou aos 14 anos, portanto diz ela "não puderam me prender dentro de casa muito cedo". Gravidez e parto a marcaram, pois foi o ponto final de uma vida alegre e despreocupada. Além do mais teve muita amenia e estava sempre cansada.

Diz ela "mesmo assim cansada tinha que varrer e capinar o terreiro, lavar roupa na fonte e, quando chegava a noite não tinha força nem pra dar a pomba" (pomba = vagina).

O parto foi difícil, foi logo que o marido faleceu em um acidente de bicicleta, e deu complicações a ponto de impossibilitar um parto normal. Teve problemas de cicatrização e seu resguardo "foi só choro e fraqueza". Foi auxiliada pela irmã, a entrevistada "G" pois "meus cunhados, irmãos e sobrinhos nada fizeram e nada fazem por mim".

Diz que para fazer qualquer serviço na casa ou arrumar "a cova do marido" não apareceu homem portanto ele é decisiva no que se refere a não intromissão de sua vida particular ninguém se mete não, senão leva coça" (coça = surra).

Quando perguntada se queria mais filhos, disse que "de jeito nenhum", já fez aborto e "tomo minha baga todo dia", (baga = comprimido, neste caso é usado para designar anticoncepcional). As vezes passava de mal a pior mas não parava de evitar filhos, pois "filhos é bom mas, parto não quero nem pensar". Perguntada sobre o que pensava a respeito do bissexualismo disse, apontando para o gravador: "esta merda está ligada ?, então danou-se, não digo nada...". Depois que desliguei

falou "isso é comum, com homem e criança...". Pela entonação parecia que queria falar mais alguma coisa, mas calou-se.

A respeito da diferença entre homem e mulher disse que a diferença maior é que a mulher é sempre aproveitada pelo homem pois "a mulher é que trabalha mais". Disse que a educação que estava dando para a filha era esta: "é igual de todas aqui no Caminho. Acho tudo errado, mas tem que ser assim". Logo depois "vou ensinar a guria bem igual, senão não casa", eu preferia ter um guri, aí sim dava para educar como eu acho legal".

Perguntei como um guri deveria ser educado; "para a rua, para a farra, para a festa...".

Nada explica para a filha, pois "ela não é cega, nem surda... ela lava minha roupa!". Perguntei se ela aceitava a filha como mãe solteira, respondeu: "filha é filha, se deu antes ou depois, ela é minha filha... errado é que usou e não ficou com o que é dele por direito".

Frisou que relações sexuais deveriam ser feitas no mato ou a portas fechadas ou esperar que não tenha filho acordado "filho não deve ver pai e mãe brincando (brincando = ato sexual).

## Entrevistada "G"

Esta entrevistada de 29 anos mora em uma pequena casa de madeira que precisa de alguns cuidados como cerca, pintura, reparos de parede, tenha quebrada.

A entrevistada "G" que é irmã da entrevistada "F", é uma das mulheres mais queridas do Caminho e todos a elogiam pela sua bondade. Tem duas filhas e um filho pequeno de 1 ano. Tem um canteiro de ervas medicinais, tempero e flores, para o cemitério.

Desde que teve os filhos deixou de trabalhar fora de casa, dedicando-se completamente à família e serviços que não costumam ser valorizados no Caminho. Seu trabalho é o de fazer renda, lavar roupa para duas famílias da vila de Santo Antonio, apanhar café e fazer todo o processo descrito anteriormente na entrevistada "F".

Sua filha mais velha de 11 anos frequenta a escola, recebe Cr\$ 300,00 por cuidar de uma prima de 9 meses, filha da entrevistada "K", além de ajudar em todos os afazeres da casa. A outra irmã que tem 9 anos, está ou na escola ou cuida do irmão pequeno, enquanto a mãe está curvada sobre a almofada de renda.

Segundo a entrevistada "G" é o marido que sustenta a família através de seu salário, uma vez que ele é vigia de um posto de gasolina no centro da cidade e dos biscates que consegue durante o dia quando, capina, pesca ou ajuda na roça dos cunhados.

Entrevistada a respeito de trabalho disse que sabe o que aprendeu olhando e que ensina tudo para as filhas só que com mais paciência e carinho pois "a mulher desde pequena tem que trabalhar demais e em troca ganha pouca gratidão".

Seu marido já lhe deu muito trabalho: "não que não preste mas como é um fraco, cai na armadilha da cachaça e, além de gastar o nosso pão ainda vem para casa encher meu sacco".

Faz já um tempo o marido tentou agredí-la mas ai, "virei onça e se não fosse a mana, eu lhe enfiava a faca no bucho". (bucho = estômago). Diz logo adiante; "Gosto dele, mas não sou capacho de homem nenhum". (capacho = saco de paulada).

Sobre sua menstruação lembra-se que foi: uma surpresa, mas como sua mãe era benzedeira, nunca tive nenhum problema e disse "até hoje não preciso de médico para cuidado de um corrimento ou outras coisas de mulher, sei o que fazê".

Sexualmente vai bem e diz "a mulher deve dar quando o homem quer, pois ele procura outra fora e aí... pode dar o pouco que ganha pra outra ou então pode chegã a pensar que a gente tem outro e aí a gente apanha".

Sexo para ela deve ser feito na intimidade pois: "meus irmãos viam, eu vi e fiquei muito assustada".

Para ela de fato as crianças quando sozinhas, fazem brincadeiras sexuais mas "ou a gente separa os guri das gurias e aí fica difícil, pois hoje não dá para segurar as gurias só dentro de casa, elas se revoltam... pode vê, nenhuma guria do Caminho está aprendendo a fazer renda, espera... só

as pequenas da ..." (refere-se à entrevistada "P" que retiramos do trabalho).

Continuando afirma "e se acontece alguma coisa, também não ligo pois as gurias não perdem a virgindade com guris de 7, 8 anos, eles não tem força ainda".

Sobre o projeto diz "como faço muita renda, dá tempo para sonhar, já tracei meu caminho e não gostei mas estou conformada. Agora sonho com o caminho da vida de minhas filhas... a pena é que fica pouco para sonhar pois são mulheres e assim devem casar, ser mães e seguir um homem, só rezo para que seja trabalhador para que nada falte a elas".

Sua maior realização foi ter tido um filho homem "este pode viajar, ser dono de seu nariz, só quero que estude para ser macho esperto".

Entrevistada "H"

Mora em uma casa de material com todo o conforto , como banheiro, sala e cozinha ampla, quarto para hóspedes e parentes, uma varanda cheia de samambaias, begônias e flor cetim, fogão a gás (além do fogão de madeira que fica fora de casa) vidro nas janelas, geladeira, televisão, rádio, liquidificador e água corrente... Para os parentes (seu marido é irmão das entrevistadas f e g) ela é uma mulher bem de vida e não entendem porque trabalha tanto.

A entrevistada de 38 anos não tem filhos e sempre que pode ajuda os irmãos e vizinhos, ela é temida pela sua mordacidade. É respeitada principalmente pelos cunhados, que a procuram para pedir conselhos. Existem críticas a respeito de seu relacionamento matrimonial, pois parece não aceitar críticas do comportamento abusado de seu marido (vide história de vida da entrevistada "C", cujo falecido pai era irmão do marido da entrevistada "H").

Todas suas irmãs ficaram grávidas antes de casar, a não ser a menor de 11 anos, e inclusive ela (a entrevistada) fugiu antes de casar, o que faz com que ninguém sabe a razão de tanto moralismo da parte dela.

Se os parentes mais velhos a querem muito bem, os mais novos a evitam sempre que podem. Em caso de doença ou outro problema ela é sempre procurada juntamente com o marido da entrevistada "A".

Durante o verão trabalha numa barraca na praia vendendo caldo de cana e soca de milho cozido, sendo ajudada ape-



nas por um sobrinho de 11 anos, irmão da entrevistada "C".

Suas rendas de bilro são as mais bem feitas do Caminho, mas devemos lembrar que não tem filhos e não tem dupla jornada o ano todo e sim, só no verão.

Em toda a entrevista mostrou sua preferência pelo sexo masculino.

Sobre sua infância descreve: "o pai sempre preferiu as gurias, o pai sempre estava embarcado, vinha para casa para conhecer um filho, fazer outro, comprar ou vender gado, arrumar a roça e logo se mandava... quem cuidava de tudo sem ajuda de nada e de ninguém era a mãe e depois eu..." Logo depois: "todos eram iguais nos direitos e nos deveres, a mãe não fazia diferença e, viu no que deu... nenhuma casada de véu..., todas trabalham e ganham mais que o marido... eu não, meu marido não gosta que eu trabalhe pra os outros, só tenho um patrão - meu marido". Sei fazer o que aprendi - costurar, bordar, fazer crochê, sei me virar com qualquer pique (amostra de rende de bilro), costuro roupa para meus irmãos desde os 11 anos. O que não gosto e nunca gostei é de cozinhar. Hoje sou obrigada pois sou mulher... mas gostar... gostava e gosto de lavoura, de um carro de boi, de uma pescaria.

O que gosto hoje em dia e não gostava é da renda".

Logo depois, interrompe a conversa e descreve um dia de trabalho no verão:

"a época difícil é no verão... levanto pouco antes das 5, faço comida, raspo cana, pego gêlo, pego milho no caminhão, pego o carro de mão e levo milho e cana para a barraca ,

deixo tudo arrumado e depois é só servir; servir... normalmente já venho voltando lá pelas 6 mas tem dia muito bonito que tem movimento até as 8... as pernas quase que sem força e aí então tenho que fazer comida, cuidar da roupa e da casa... claro que no verão não faço renda...".

Sobre a divisão de trabalho entre ela e o marido:

"no serviço da casa ele não bota a mão em nada, esteja eu bem ou não... o que me revolta é saber tudo mas nada faz, pra não mentir ele uma vez ou outra ajuda a escamar um peixe, e eu ? Ajudo em tudo, até arrumo cerca, cano d'água...".

Logo depois, divagando sobre educação diz: "a educação de antes era melhor, pois hoje em dia não se vê mais família grande reunida e respeito pelos mais velhos... não se respeita nem a própria mãe..."

"as crianças trabalhavam bem mais e não viam lucro em nada, hoje o lucro é mais fácil. O estudo deve ser como era lá em casa, igual para guris e gurias...".

Deixa claro que o correto era como em casa de sua mãe, para ela menino e menina é a mesma coisa, diferente é a vida da mulher quando vai cuidar de seu lar.

Pensa e diz com firmeza: "Mulher casada não tem descanso, o homem faz força pois nossos homens trabalham no pesado... escritório já não sei... mas veja vizinha, quanta mulher trabalha também no pesado, pense... (entrevistada "F") , mas mesmo assim se dá uma diferença, o homem chega em casa já compriu seu horário, toma seu banho preparado pela mulher querendo tudo limpo e tudo na mão, depois senta, fuma o seu cigar

ro, pedindo ou mandando que se lhe sirva o jantar... aí da mulher que trabalha fora, quando chega além de ninguém lhe dar uma ajuda, ainda tem que servir do mesmo jeito e se tiver filho, é pior ainda... pode esquecer o verbo descansar.

Tenho muita tristeza em não ter filhos mas, eu descanso num domingo, quer dizer descanso menos que meu marido, pois faço almoço e arrumo a bagunça da casa, mas é só...".

"Sempre digo para quem tem filhos... a educação tem que ser igual, pelo menos quando pequenos, não se deve judiar das gurias, a vida já se encarrega disto...".

Sobre sexo a entrevistada já ficou mais à vontade: ficou mocinha (menarca = 1<sup>a</sup> menstruação) com 14 anos e "já sabia pelas outras, pra mim nada mudou".

Suas experiências sexuais iniciaram-se "no cafezal" desde os 15 anos, fugiu com o marido quando tinha 22 anos. Seu primeiro contato sexual foi bom e até hoje acho tudo ótimo. "Não posso reclamar de nada ainda, me arrepio toda só de pensar...".

Sobre virgindade "antes quem não era virgem ficava pra tia, hoje pra achar uma moça virgem deve ser difícil..." Sobre liberdade no casamento: "claro que a mulher não tem liberdade igual a do homem, nem nunca vai ter".

Divertimento para a entrevistada "H" é: "dançar, fazer uma visita, ir a uma missa mas, nunca sair sozinha a não ser na casa de um vizinho ou da mãe. Se no baile a gente dançar com outro, deve-se cuidar pra não passar dos limites, se houver problemas é deixar o desavergonhado no meio do salão,

a gente carrega o nome do marido, este nome não pode se su-  
jar".

Sobre a intimidade das relações sexuais diz:

"... vi meu pai e minha mãe numa brincadeira, ela coitada cho-  
rou o resto da vida, ficou toda envergonhada..., o certo é fi-  
car escondidinha, quem mandou... só de lembrar tenho que rir  
..., as crianças podem até ficar assustadas e olha que tem ir-  
mão abusando da irmã por culpa desses descuidos...

Mas eles entram na casa sem fazer barulho, só pode  
dar nisso... Pior é quando pegam homem com homem ou mulher  
com mulher..." Pensa um pouco e diz: "Intimidade mesmo é com  
mulher de rua, esta festa é no dia do pagamento quando os ho-  
mens ficam o dia todo na cidade, fazendo compras...".

Entrevistada "I"

A casa desta entrevistada é de estuque e fica bem retirada, sem água encanada e sem luz elétrica. (Estuque = para os do Caminho é uma casa feita de troncos e massa de barro com pedras). Os próprios móveis da casa não são comprados em loja, são artesanais. Do lado do fogão à lenha tem um banco aonde estão enfileirados as panelas de ferro e de barro, e só na parede algumas panelas de alumínio, gamelas com roupa e outras com verduras, potes de barro com água é o que observei. Sô perto do cafezal observei um balde e um urinol de plástico.

Na sala, chamada de varanda, tem uma mesa, uma caixa, almofada de renda perto da porta e dois bancos de madeira; os outros dois cômodos estão cheios de camas e esteiras para aninhar os 9 filhos, que cobrem a faixa etária de 1 a 19 anos. Somente o menor dorme com os pais que, tem um quarto com armário e porta. Nesta família encontrei todos com saúde e a entrevistada nunca perdeu nenhum filho. Ela está casada há 20 anos e a 14 anos mora na casa descrita acima, sua idade é de 39 anos.

Não evita filhos, pois o marido não lhe compra comprimidos e não admite que ela evite filhos de qualquer maneira: "ele não quer, por mim eu tomava baga, pois já estou cansada...".

Sobre a diferença entre filho homem e filha mulher diz: "filho homem e filha mulher é tudo a mesma coisa - choram, sujam, brincam... tudo igual".

Gosta de trabalhar:

"é roupa, é comida, faço renda, apanho café...".

Tanto ela como sua filha mais velha de 17 anos fazem de tudo, e segundo ela com prazer, só que: "sô não pegamos na enxada".

Também tem criação de pato e galinha e os filhos menores sô ajudam "quando estou muito apurada com o serviço".

Os filhos mais velhos de 18 a 16 anos já não ajudam "da porta para dentro" mas, trabalham na lavoura.

Orgulha-se de nunca ter precisado empregar a filha e diz que, ela ajuda muito em casa, "é dela a louça do meio-dia, lava roupa pra fora, aceita encomenda de renda, cuida das crianças e nunca falta na escola".

De sua vida diz:

"tudo que sei, aprendi com minha mãe, quando solteira fazia tudo o que faço hoje, tive sorte com meus filhos... é assim, se a gente tem irmão, a gente não precisa se empregar, eles ajudam pro monte" (renda familiar).

Pensa um pouco, e continua:

"o que não adiantou foi ensinar o trabalho pra fora da soleira... apanhar berbigão... não gosto do mar...".

Sobre divertimento, sorri e diz:

"hoje em dia não vou a nada, quando muito vou na missa se saio levo todos comigo...".

Sobre alguma modificação na educação: "ensina tudo igual, tudo que aprendi com a mãe, ensino tudo igualzinho..."  
 "não quero mudar nadinha, meus filhos até hoje me aceitaram mu

to bem".

A respeito de como foi a sua juventude:

"quando solteira namorei 6 anos com um marinheiro , mas a gente não se acertou... com meu marido tudo foi e vai bem, desde que fugi para a casa da minha sogra, estou satisfeita com meu homem...".

Sorri com muita ternura enquanto penteia os cabelos de uma menina loira de uns 3 anos e diz:

"ele é bom, sempre está em casa, só sai mesmo para trabalhar".

Lembrando-se de como se deu sua primeira menstruação, diz: "Virgem Santa que medo, Jesus como me assustei, nunca soube de nada destas coisas, com minhas filhas faço o mesmo ... nunca tive assim uma conversa com nenhuma delas pois não tenho nem coragem de falar com moça solteira... tenho vergonha...".

Perguntando-lhe como foi sua primeira noite de casa da, dá uma risadinha e diz: "quando fugi não sabia de nada, nada mesmo e aí só deu no que deu... chorei muito, era tão diferente daquilo com que eu sonhava, que vergonha, que vergonha ...".

Seu projeto de vida resume-se em:

"sempre queria namorar e casar, é claro, que quero o mesmo para minhas filhas... assim é a natureza da mulher, a gente não pode mudar...".

Fica bem mais à vontade quando voltamos a falar de trabalho, descrevendo seu dia a dia e diz:

"levanto antes das 5 horas e aí vou o dia todo pois só lá pelas 9 horas da noite que o serviço acalma, sei lá é roupa e mais roupa na fonte, é comida, é um bolinho pro meu nêgo, é a criação, é a renda..."

Tudo gira em volta de seus filhos e diz:

"Faço tudo com prazer pois tudo o que faço é para que estejam limpos e com saúde, pois só então vou andar bem o caminho até a escola e é com cuidado é que conseguem aprender alguma coisa e é com instrução que vão trabalhar e progredir".

Queremos observar que são aproximadamente 3 km que as crianças caminham todos os dias.

Sobre a maternidade:

"os meus 3 filhos menores eu tive em casa com a D... e foi bem bem melhor; está certo que na maternidade a gente tem mais recurso... tem médico... aqui não, a gente tem água quente, chá, banhos e muita reza. Fiquei bem mais calma e sabe... são meus filhos mais calmos".



Entrevistada "J"

Esta entrevistada, que é filha de "A" e irmã de "B" tem 20 anos e um filho.

Sua casa é de madeira não pintada e tem sala, quarto e cozinha.

Esta casa tem jogos de sala, quarto, copa, tudo completo, aliás esta entrevistada teve um bom enxoval mas, não tem banheiro nem água encanada.

Tem sido uma moça rebelde pois não obedecia nem ao pai, nem ao irmão, o que era um horror para toda a vizinhança.

Desde os 15 anos, trabalhava como empregada doméstica com a finalidade de se vestir bem e fazer um bonito enxoval.

Nunca entregou nada de seu salário em casa e, ainda exigia do pai uns "trocadinhos" para comprar cigarro.

A entrevistada trabalhou na minha casa até fugir com o companheiro da entrevistada "F". Deve-se lembrar que teve outros pretendentes mas, queria um homem que a adorasse, que lhe desse uma casa e que fosse fiel e trabalhador.

Antes de casar, dormia com duas irmãs menores e o irmão em uma cama de casal. Não tem reclamações do irmão, inclusive ajudava a tapear o pai, para que o irmão pudesse ter um relacionamento sexual com a vizinha, mãe da entrevistada "C".

Quando fugiu com o marido, foi morar com o irmão, que fugiu com a entrevistada "K", irmã de "H", e poucos dias

durou a calma.

Criou vários problemas, pois exigia muitos mimos, não trabalhava mais, não ajudava a cunhada e respondia muito ao irmão. Atracaram-se violentamente quando o irmão bateu na cunhada grávida. O resultado foi uma surra do pai e nenhuma mulher do Caminho a procurou mais, pois o irmão era homem e dono da casa.

Outro escândalo para a comunidade foi o fato de bater no rosto do marido, diante das irmãs do marido, pela razão dele ter olhado para outra mulher.

Quando iniciamos as entrevistas, ela estava de cama em sua casa, tinha tido um filho e dizia que não se importava do marido sair de noite para trabalhar de garçon juntamente com o pai.

"Eu estou feliz, não preciso de nada, ele saindo de noite eu durmo melhor pois estando em casa fica me atentando".

De fato, a casa era bem arrumada e armários repletos. A casa foi o presente de casamento do pai e o terreno do sogro que deu um lote para cada filho e para cada filha.

A casa fica perto da do irmão, e hoje um está sempre na casa do outro, a criação é de ambos e como o pai lhes deu uma vaca, as crianças tem leite em abundância.

Quando voltamos para finalizar as entrevistas muito havia acontecido. O marido da entrevistada estava às voltas com outra mulher, ela contraiu sífilis e muito sofreu para obrigá-lo a se tratar. O pai e o irmão já lhe botaram comida dentro de casa pois o marido gastava tudo em farra, e para

pagar todas as dívidas que fez no início de sua vida conjugal. A entrevistada já foi procurar benzedadeiras para melhor segurar o marido dentro de casa.

Nota-se que já está mais dentro da visão de mundo das mulheres com quem convive.

Seu projeto de vida porém, está cheio de críticas aos homens e cheio de planos para a vida do filho que segundo ela vai ser um homem estudado, com saúde e disposição para o trabalho. Vou ensinar a ele como se trata uma mulher e só não vai fazer tudo dentro de casa, para não sofrer na boca da rua ...

"De viado chega meu pai..."

Entrevistada "K"

A entrevistada tem 21 anos e mora em uma casa de madeira pintada, que contém cozinha, sala e quarto. A casa é bem equipada pois tem seu jogo de sala completo, jogo de quarto e de fôrmica, rádio, ferro elétrico, televisão, geladeira, liquidificador mas, mesmo com este "conforto", não tem banheiro ou água encanada.

A entrevistada é irmão de "H", cunhada de "B" e de "G" e fugiu com 16 anos. Segundo suas afirmações "sabia o que ia acontecer pois entre irmãos e irmãs tenho 12", ouvia muito a respeito de sexo, maternidade, casamento e sobre o quanto iria trabalhar depois de casada. Sabia da diferenciação entre homens e mulheres no próprio convívio com parentes e vizinhos pois "dentro de casa era tudo igual mas, na rua já mudava. Para ela, o próprio ambiente de sua casa era totalmente diferente do ambiente da casa de seus pais": "de casa eu não estava acostumada à ignorância entre o casal, claro que o pai e a mãe não pensavam igual, mas nunca botou um dedo nela... com meu marido tudo é diferente".

Logo depois ao falar de sua situação conjugal: "ele é carinhoso mas só quando quer metê, né, já nem quero mais, de dia é um bicho como é que vou querê ele de noite...".

Em outro momento referindo-se ao marido: "ele bate e me machuca, mesmo grávida do filho dele eu apanhava e meu sogro acha que eu sou a culpada pois sou muito teimosa, e não gosto de me arcar para ninguém... "Refere-se ao marido como trabalhador e bom pai, pois nada falta. Porém não pode diver-

tir-se, sendo que o marido está em todas as festas, e é acusado de ter uma filha com a cunhada. Diz a entrevistada que o marido não faz diferença entre o filho e a filha, mas logo adiante conta que mantém relações sexuais no quarto perto dos filhos e, como o filho tenta imitar o pai junto à irmã, o pai acha certo pois segundo as palavras da entrevistada "filho deve saber fazer o que lhe é de direito".

Voltando a falar de sua vida enquanto solteira diz que se assustou quando menstruou e que quando percebeu que era moça ficou muito namoradeira. Voltando a falar de sua vida de casada, lembra-se do seu tempo de menina e de moça quando "pensava que homem e mulher tinham os mesmos direitos"; quando casada, o marido engrossava "eu dava com a panela na cabeça dele mas cansei, todos, até as cunhadas e irmãs vão contra mim e a favor dele, pois sou uma mulher casada, devo e tenho que obedecer".

A respeito da virgindade e o problema da mãe solteira diz que "virgindade deve ser importante para certos pontos de vista, pra mim tanto faz como fez, não sou eu que vou dá, é ela quem vai dá e se ela ficar grávida ela será pra mim, pra muita pessoa, a mesma coisa, já criei uma sobrinha, posso criar netos, tô ligando...".

Pensa que é melhor mudar a educação das crianças e para tanto aconselha que as mães contem a verdade, "assim se minha filha fizer uma bobagem vai ser por culpa da sorte e não minha...".

Note-se que nesta entrevista, como nas demais existe uma contradição nas afirmações pois de um lado se afirma

que não deve haver nenhuma diferenciação e logo depois o quanto a mulher deve ser diferente. No caso da entrevistada "K" "meu filho... não, se o pai quiser ensinar é problema deles, eles são homens eles que se entendam, eu é que não vou falar nada, de minha parte só vou ensinar ele ter respeito com a irmã e as primas; o resto é com a rua...".

A respeito de sua visão de trabalho, ri e diz "de roça não gosto nem nunca gostei, renda não aprendi, também não bordo nem costuro, o que eu faço... gosto de cuidar de crianças, lavar roupa, passar roupa, fazer uma faxina, cuidar da criação e de gado... gostar mesmo é de cozinha... fazer um pão, fazer um almoço... é tão bom...".

Sobre a divisão de trabalho: "meu marido não ajuda nada, não dá nem valor pra nada que eu faço, o que ele ajuda é sujar, jogar cinza de cigarro no chão e ensinar o filho a jogar terra na sala limpa...".

A entrevistada em troca de voto para a situação conseguiu um emprego em uma creche no Saco Grande, recebendo mais que o salário.

Seu marido lhe permitiu trabalhar pois ela ganhando bem ajudava nos gastos da casa. "Vou ganhar Cr\$ 24.000,00 e só trabalho durante a semana e sábados até o almoço. Isto é pois eu ajudo nas despesas da casa. Meu filho com uma cunhada casada e que ajudou a criar o guri desde que nasceu pois ela morava comigo. A menina fica aqui em casa e de manhã minha cunhada de 12 anos cuida dela, de tarde vem uma sobrinha de 8 anos cuidar dela. Já deixo comida pronta e de noite também lavo a roupa. A cunhada eu vou vestir e pra sobrinha pago um

tantinho".

Quando perguntada a respeito de programas de televisão: "só gosto de filmes e de Silvio Santos pois não gosto de novela; tudo que vejo é ilusão e a gente acaba se revoltando em ver moça bem de vida e com todo o conforto dentro de casa e não é só... elas tem marido educado e carinhoso, isto só me revolta...".

Seu projeto para a filha: "o certo é criar igual e fazer estudar, mas é difícil, cadê os direitos da gente que é mulher ? ela é sempre mandada... vou me revoltar... vou fugir pra cidade e virar puta ? vou apanhar todo dia do meu marido ? vou desistir dos meus filhos ? vou me empregar pra ter casa e comida e fazer o que já faço todos os dias ? sei lá, já pensei tanto, e resolvi me rebaixar".

Na entrevista foi colocada a última agressão violenta que sofreu quando, contra a vontade do marido foi conversar com a vizinha. Quando o marido chegou e percebeu que ela não lhe tinha obedecido, trancou-a para o lado da rua e só quando os filhos começaram a chorar, que ele a deixou entrar, esperou que elas os atendessem, para então lhe dar uma facada no braço que deveria ter levado de 4 a 5 pontos.

As próprias mulheres do Caminho foram contra ela: "quem manda não obedecer"; "homem manda e não pede"; "se os filhos da gente não obedecem apanham; se mulher não obedece, leva, é isto mesmo".

Sobre o aborto, a entrevistada afirma: "é errado, é bom evitar antes pra não procurar fazedor de anjo, eu não tomo

charopada logo que não vem. Agora meu marido me compra as bagas, ele não quer mais filhos". (evitar = tomar comprimido anticoncepcional).

Devemos lembrar, que comprimidos anticoncepcionais são sempre comprados pelos maridos das entrevistadas. Parece que são os homens entre 19 a 35 anos que querem ter poucos filhos uma vez que querem presentear os filhos e esperam que façam um bom curso na escola. Já as mulheres que tem dupla jornada procuram espaçar os filhos só depois da 3a. gravidez. Todas alegam que a falta de terra leva à falta de segurança, de alimentação e habitação.



Entrevistada "L"

Esta entrevistada de 22 anos está casada a 7 anos e tem duas filhas, aparenta viver bem com o marido.

Já esteve porém separada do marido devido a violência a que ela e as filhas foram expostas. Sendo uma mulher bonita e bem cuidada, uma situação pouco encontrada entre as entrevistadas uma vez que a maioria já perdeu dentes e tem as pernas cheias de varizes, pareceu-me que pouco trabalhava. Sua casa porém brilhava de limpeza como também suas filhas de 6 e 3 anos. Na verdade ela é assalariada de uma propriedade, trabalha na lavoura de sol a sol sempre acompanhada pelas filhas. A entrevistada já perdeu um menino, que segundo ela "perdi sonhando e quando acordei ele já tinha saído, eu estava de 5 meses. Perguntada sobre o aborto provocado disse: "aborto é muito perigoso, antes criar mais um do que deixar os filhos que a gente tem sem mãe".

Toma anticoncepcional sem nenhuma orientação médica: "faço por minha conta, se compro cigarro também compro minhas bagas pois eu quero trabalhar e já não sou do tempo que mulher se matava, eu quero é progredir, se vier filho, deixo ele nascer, é claro, mas cuido pois dois chega".

Iniciou sua vida de casada fugindo com 15 anos e não se relaciona bem nem com a família dele, nem com seu pai, "ele matou minha mãe na minha frente. Tudo indica que os parentes não aceitam o gênio do marido nem o gênio dela, ambos violentos. Diz a entrevistada do marido "ele é fogo, já me separei dele, foi com juiz e tudo, depois fiquei com muita pena

pois ele ficou muito jogado na vida, não conseguiu nem quem lhe lavasse a roupa... claro que levei as meninas comigo, quando se separei, pois a mais velha gritava sô em ver o pai, quando ele tentou me esfaquear a guria que tinha cinco anos, foi me defender e levou uma espetada".

Para a entrevistada, foi uma pena não ter tido um filho homem: "preferia filho homem, sô tenho uma irmã, sei lá eu queria criar um homem pra ver no que dava".

Quando entrevistada a respeito do trabalho: "sempre trabalhei na lavoura, é disto que eu gosto, faço o serviço de casa pois tem que ser feito...".

Sobre a divisão de trabalho "eu sou uma mulher completa, faço tudo e penso, que como tem mulher que se contenta em lavar louça, tem homem que não vale nada e por isso não ajuda; sei lá o meu marido lava uma louça, me ajuda a aprontar uma comida; se dou banho nas gurias é ele que bota na cama é ... agora a gente se dá bem, a gente divide trabalho, divide o divertimento e aí é claro, a gente se entende".

Menstruou com 14 anos: "sô sabia mais ou menos, porque a professora explicou tudo, sô que quase morri de vergonha pois ela explicou tudo com guris juntos dentro da sala, sei lá, guri é uma coisa guria já é outra e aí eles ficam espezinhando a gente..." (espezinhando = provocando).

Quando fugiu de casa, já tinha sido deflorada e disse que foi tudo bem, segundo ela ele sempre foi carinhoso. Pára para pensar sobre as filhas: "se minhas filhas se tornarem mães solteiras, na rua não se casam pois se errou ou não sô ela é quem sabe, e todo mundo merece outra chance, se depois

me aprontava outra, já sabe, eu ficava com os netos e ela podia pegar a rua sem nem olhar para trás...".

Pretende mudar o que aprendeu com a mãe "meninos e meninas devem ser iguais, Deus o livre, não quero que elas tenham a educação que eu tive, não quero bater exagerado, trabalho desde os 6 anos na roça e quando não apanhava, via a mana e a mãe, que Deus a tenha, apanhar do diabo do meu pai, que Deus lhe perdoe. Minhas filhas vão ter tudo certinho: trabalho, estudo e passeio, isto é o certo, só assim vão ser ricas e então não precisam fazer mais nadinha, igual as mulheres da televisão".

## Entrevista "M"

Esta entrevistada de 30 anos mora na casa que já pertencera ao sogro, pai de "f" e "g2 e avô de "c". A casa é de madeira com sala, varanda, cozinha de material e dois quartos. Um quarto é do casal e da filha de 2 anos e o outro é cunhado solteiro. Nada tem de seu na casa pois já pertencia à casa ou então pertencia ao cunhado como televisão, rádio e fogão. A entrevistada trabalha nos afazeres da casa e na renda, com a roupa que lava e passa para o cunhado, tira Cr\$ 4.000,00 por mês e a renda que dá entre Cr\$ 5.000,00 - Cr\$ 10.000,00 , razão pela qual trabalha muito durante a noite pois a filha pequena prejudica o seu trabalho.

Desde pequena sabe o que é trabalhar, observando-se certas afirmações como:

"Minha vida, depois que meus pais morreram, foi crescer ao lado de uma almofada, noivar do lado de uma almofada e agora vejo minha filha crescer do lado de uma almofada ..." ou trabalhava na lavoura, pegava trato pra gado, tirava leite e sempre que podia, fazia renda...".

O dinheiro que recebe é pro cigarro, comprar roupa para ela e para a filha, pagar cerveja para o marido, um biscoito ou uma bala para a filha, o que vai "pro monte" (renda familiar).

Ficou menstruada com 14 anos, primeiro assustou-se: "pensei que tinha me pisado" (pisado = machucado).

Quando solteira, ia somente aos lugares que o ir-

não permitia, e sob a severa vigilância dele é que consegui fugir para a casa da cunhada (entrevistada "f"), quando conheceu o marido no velório do pai dele. Morou uns oito meses com a cunhada e conta que do serviço nada reclama:

"nunca trabalhei tão pouco, ajudava na limpeza da casa, fazia comida e de resto fazia minha renda..."

O que achava ruim era de ser usado como "consolo de viúva" o que segundo a entrevistada lhe causava problemas:

"tive problemas, ela abusava de mim... eu tinha que ficar calada..."

Sexualmente tudo ia bem, a gravidez, o parto mas "já faço amor por obrigação..."

Seus divertimentos são os mesmos das outras mulheres do Caminho ou seja baile, festa na Igreja. Seu problema se é que o marido não dança e não gosta de deixá-la dançar com um amigo ou irmão, "deixa pra não fazer desfeita".

Evita ter mais filhos e usa anticoncepcional "pra mim chega umazinha... a vida hoje não está fácil..."

O aborto ela critica, só aceitando a famosa xaropada. (xaropada = remédio em forma de xarope, bem doce feito com vinho e que contém 7 ervas abortivas que são do conhecimento das benzedadeiras. Consegui o nome destas poucas: canela, erva de Sta Maria, Piteira).

É interessante, que para não ter asco do marido, sonha que está deitada com um artista de novela pois queria um homem "educado, prestativo e limpo..."

"Não que eu não goste do meu marido mas, além de homem e mulher, a gente era bem amigo, coisa difícil de se encontrar e eu não me conformo dele acreditar no sobrinho, que disse que eu não era mulher de dentro de casa, preferiu acreditar num guri mentiroso, que não presta, um maconheiro... Só porque era homem, isto dói e vai demorar pra mim gostar dele outra vez, se não fosse minha filha, eu "garrava" (pegava) o mundo...".

Chorou um pouco e depois diz:

"O pior é que as amigas também vão contra a gente, será que só palavra de homem tem peso ?".

Depois acalmando-se, relata que mesmo sabendo do seu valor, o próprio marido achava que ela nada fazia:

"a gente dentro de casa não apara (para) se não é filho é roupa, é comida, é criação, é horta, mas ele diz que não faço nada e por isto não se ajuda... Sabe, eu me levanto e horas e não paro. Sabe, se eu tivesse um guri, eu dava a mesma educação, as mesmas ordens e ia fazer estudar... como me arrependo por ter largado a escola... pensando bem tudo é sonho... a gente educa igual aqui dentro de casa, depois o guri cresce e vai pra rua, renegando a própria mãe, deixa de ser filho pra ser homem...".

Lembra-se novamente do pouco caso dado pelo marido e cunhado ao seu trabalho. É interessante notar que o marido da entrevistada trabalha em um hotel como ajudante de cozinha e que vem "cansado" do serviço e declara:

"Cozinha de dentro de casa não cansa".

O projeto de vida desta entrevistada se centraliza na filha e, "se ninguém se intrometer, ela vai ser como artista de novela... vai ter dinheiro, mas tem que estudar e então quero ver homem mandar nela... mulher não é só fêmea, é gente meu Deus"!

## Entrevistada "N"

Esta entrevistada de 40 anos é viúva, mãe da entrevistada "C" e mora com seu filhos em uma casa de madeira. Em um canto da casa está o fogão, a lenha e uma mesa, no outro um fogão a gás (sem botijão), televisão, mesa e cadeiras e dividido por cortinas, dois quartos. Em um quarto dorme a entrevistada com as filhas e no outro os rapazes. A casa é deficiente no que se refere a higiene mínima, uma vez que os ratos caminham dentro da casa em plena luz do dia e as crianças nem procuram se afastar da casa para evacuar...

É de conhecimento comum que esta entrevistada sofreu muito na mão do marido que morreu de tuberculose e de tanto beber. Nunca o marido botou comida pra dentro de casa e fugia do trabalho sempre que podia. É porém muito valorizada na região por ter sido, segundo os padrões estéticos do Caminho, um homem bonito, ótimo dançarino e conhecedor do folclore local. A entrevistada por sua vez é uma das "baianãs" da Escola de Samba Copa Lord e, mesmo tendo filhos com problemas graves de verminose, anemia, subnutrição, problemas pulmonares, se enfeitada e gasta rios de dinheiro para se embelezar e conseguir um homem mais jovem que ela por uma ou duas noites.

Recebe severas críticas das cunhadas "F", "G", "H" e "M", ocasionando brigas e confusões.

Claro fica, porque seus filhos são tão iniciados sexualmente, como também fica claro que são revoltados por não terem pai, esquecendo-se rapidamente que eram espancados de forma brutal (tábua com pregos) e que a mãe os salvava, tampan



do-os com o próprio corpo magro e mirrado.

Estes episódios eu ouvi dos próprios homens, irmãs do falecido. Toda a confusão nasceu por ela ter se prostituído sem assumir este tipo de profissão.

Sabemos que os próprios filhos tem graves desequilíbrios emocionais ou quem sabe até mentais.

Se a entrevistada é mal vista no cotidiano, isto não acontece nos dias de festa, nos dias de forró (ela dá um forró por mes em sua casa, pois se dá bem com o gaiteiro e os cantadores) quando as cunhadas ao entrarem em sua casa a beijam e... a chamam atenciosamente de "minha cunhada" ou de "minha querida comadre", os homens por sua vez parecem sentir-se muito a vontade na casa desta entrevistada.

Sua história de vida resume-se em cima da infância cheia de pesares já que seus irmãos faleceram ainda pequenos. Morou com os pais até que estes se separaram, quando ela veio a morar com uma tia, sendo que de lá fugiu com o marido já com 19 anos. Foi só aos 18 anos que menstruou, graças a uma injeção que um médico lhe aplicou (refere-se a entrevistada a um tratamento aleopático para que venha a menarca).

De trabalho nunca fugi, "trabalhei desde pesquena, seja para panhá café, fazê renda, qualquer serviço de casa, ajudava na farinha". Tudo que ganhava entregava pra tia.

Sobre sexo nada sabia, pois vivia só e os mais velhos nada lhe diziam.

"Quando fugi, de nada tinha entendimento, na la.noite que passamos juntos ele estava de porre e assim dormimos,

na 2a. noite ele estava bêbado como uma cabra, apanhei e depois cada um dormiu... só lá pela 4a. noite que não saiu de casa e então não bebeu... aí então metia de hora em hora e só dormia e já começava... foi uma semana e eu morrendo de fome... até que foi bom, precisou só do costume... então voltou a sair, a beber e até o dia de descansou a alma era assim, bebia e eu apanhava, não bebia então fazia filho... Pra viver e comer, eu trabalhava ... meu marido só fazia filhos, em 10 anos, 10 filhos, nunca trabalhou, ficava na janela e eu botava o que podia pra dentro de casa. Apanhava, não podia correr senão ele me matava... trabalhava na vila, fazia renda, apanhava ostra e berbigão e saia de lata na cabeça. Divertimento nunca tive nenhum e chegasse ele a hora que fosse, com ou sem resguardo, eu tinha que esquentar água pra lavã seus pés e fazer comida - pirão de farinha - eu tinha que dar na bôca; uma vez sai de casa com 8 filhos e o nono na barriga, ele me alcançou e eu levei tanto pontapé que lá mesmo perdi o guri, eu tava de 7 meses, a parteira D... veio me socorrer, ele tava com as perninhas todas quebradinhas... depois disso eu fiquei magra como sou hoje e meio esquecida, e só grito, chorar não sei mais.

"Tristeza pra mim é ter duas filhas mulhé, Deus quis e eu carrego, pra mim era melhor só filho homem, a gente não precisa tomar conta, a gente só da conselho e pronto..."

Sobre maternidade: tive que ir uma só vez para a maternidade, todos os outros tive em casa com minha tia V.... , que é parteira, e fora a fraqueza, tudo bem. Dos 10 filhos perdi 4 guris... um de uma surra que já contei, outro perdi de um

pontapé já no fim da gravidez e outros dois já grandinhos, um de 3 anos e outro de 6 - o pequeno foi de pontada e o outro de ataque de bicha...".

Como viúva se sentia muito bem:

"continuo trabalhando, só que agora gosto de luxo ... um esmalte, um sapato... faço tudo, menos cuidar de criança... o bom é se divertir, não tem mais ninguém pra me pegar no pé, quem tinha Deus levou... renda não faço, faxina dá mais dinheiro e a gente sai de casa, conhece gente nova...

Sobre educação:

"minha educação foi boa, nunca teimava e sabia obedecer - nunca respondia... aprendi cedo que ser mulhé é comer merda... mas é assim e o certo é levar com alegria... tudo que tem nesta casa fui eu que comprei... pago imposto do terreno que ganhei de herança e um tanto porque sou viúva... só de venda pago 5.000 todo mês, agora ainda pago 2.000 por mês deste quadro meu e do falecido, vai dar 13.000,00, é pros filhos terem lembrança do pai... é sim... uma andorinha só não faz verão... bem que eu quero um macho, alguém bom e trabalhador pra me ajudar a criar os pequenos, pra me fazê um poço, me pagá as contas...".

Entrevistada "O"

Esta entrevistada tem 28 anos e é mãe solteira. Trabalha como empregada doméstica mas segundo sua patroa ela é mais do que empregada, ela é uma governanta que inclusive supervisiona outros empregados e faz doces caseiros para vender. Por vir de uma família de muitos filhos (ela é irmã da entrevistada "d") foi criada por uma família gaúcha, fazendo visitas semanais a sua família.

A entrevistada cursou até a 7a. série e tudo que aprendeu e o que ganha é dedicado ao seu filho de 7 anos. Nada aceita do pai do menino que até hoje a procura para casar mas, como a deixou a 8 anos atrás, espera em vão receber o seu perdão. Esta é uma das razões por ser esta entrevistada tão criticada. Tentou morar com a irmã, mas criou vários problemas. Segundo seu cunhado e os amigos do Caminho "mulher não escolhe, é escolhida" e sendo mãe solteira não se aceita que ela vá a bailes, se diverte mas se nega sexualmente.

Sobre sua educação, lembra-se que na casa da madrinha (pela qual foi criada) tinha 2 meninas e 3 meninos e que a educação era bem diferenciada. "Os meninos brincavam de bola, pulavam muro, brincavam na praia, as meninas não, brincavam bem separadas dos guris e de casinha e faziam comida..." e logo mais "os meninos brincavam fora e as meninas dentro do quintal".

Sobre o trabalho diz que começou a trabalhar cedo "foi com 7 anos, a 1<sup>a</sup> coisa que fiz foi limpar um banheiro, depois varria a casa, ajudava na cozinha e tudo aprendi com a ma

drinha, sô não gostava de passar roupa até os 12 anos, pois não acertava passar calça com frize e aí não podia brincar e isto me chateava. Também sei fazer renda, pão, qualquer comida... quando grávida precisei me virar e aí fazia faxina de noite nos bancos, depois fui trabalhar na fábrica de renda e assim fui indo...

Sobre sua iniciação sexual:

"quando fiquei assistida (menstruada) chorei muito pelos cantos sem contar nada pois ninguém me explicou nada, e assim pensei que estava machucada por dentro, que ia até morrer... então minha irmã descobriu e me disse que tudo estava certo mas nada disse dos como e porque...", "o que sei aprendi na marra, o pai do meu filho me pegou na força, pois como eu não sabia nada, me esfregava nele e ele pensou que eu estava provocando ele, assim fui deflorada com estupidez e quando viu que tinha se enganado, o mal estava feito...".

Seus projetos são todos relacionados com o filho:

"quero que meu filho seja um bom filho, saiba escolher seus amigos - não quero que se suje com pessoas grossas e ignorantes, quero que ande com pessoas de trato, de respeito e sobretudo saiba escolher sua namorada e que pensando em mim, a respeite e a agrade...".

Mais tarde quero que tenha um bom emprego e que seja um bom marido... que seja caseiro pois homem de rua não vale nada...".

No que se refere à divisão de trabalho:

"na minha opinião, serviço de casa é para mulher,

homem só lambuza, só faz sujeira... se eu ficar doente... peço ajuda a uma mulher, homem não...".

Resumindo, diz que homem e mulher são seres que só se encontram, mas incapazes de andarem lado a lado...

"Homem se levanta, faz higiene, toma café, trabalha, volta para casa, come, vai trabalhar, de noite toma seu banho, veste roupa limpa, janta, vai dormir ou lê ou vê televisão , faz amor... em tudo depende da mulher, e ela faz tudo pro homem e pros filhos... E ela, aonde recebe alguma coisa?..."

#### 4.2. Pontos para discussão

Uma vez que a análise deverá se basear nos discursos das mulheres entrevistadas, é a partir de algumas informações dadas por elas que deverá se encaminhar o trabalho.

Relendo atentamente discurso por discurso, nota-se que a mulher é socializada para dentro de casa e o homem para fora de casa.

Decorrem daí pontos para uma discussão que vista em última análise, tem como objetivo perceber se a mulher em alguma fase da sua vida tem um projeto de não submissão em relação ao homem, com quem convive, seja este irmão, companheiro, pai ou filho. A partir destes pontos levantados pelas próprias mulheres, qual a relação desta socialização com sua atuação no trabalho e no sexo.

Em que pontos podemos perceber se sua submissão é plenamente aceita por ela ou se esta submissão a revolta. A partir daí, perceber se a educação recebida inibiu na mulher uma luta por uma mudança no seu projeto em relação à divisão desigual no trabalho e no sexo. Como já foi dito quando falamos em projeto, entendemos tudo aquilo que acontece com um indivíduo num processo de relacionamento do seu eu e da negação do seu eu, levando-o a modificar-se e ser ou não agente de mudança no seu meio, ou seja, no que o rodeia.

Esta modificação do eu do indivíduo se dá no cotidiano, uma vez que nada é imutável. Mas é pelos discursos que se pretende perceber como as entrevistadas em duas diferentes faixas etárias digerem o meio que as envolve com o seu poder

e sua autoridade cultural.

Como pois, as entrevistadas traçando seus projetos em vários momentos percebem estes valores e, repensando-os, os dividem em "naturais" ou relativos a um momento determinado de sua educação e de sua realidade. Através da ideologia que se transmite valores "naturais" portanto imutáveis e que dificultam a mudança. É, pois a partir de colocações retiradas das entrevistas, que levantamos os pontos a serem discutidos neste momento, para perceber como a mulher se torna submissa nesta comunidade.

"Em muitas das entrevistas pudemos constatar que quando uma mulher fala de si mesma, de seu corpo ou de sua vida, o que ela enfatiza é um processo do qual participa quase sempre na qualidade de "vítima", "paciente", "receptora", "observadora" ou "espectadora".

Na fala dessas mulheres, o papel a si próprias atribuído no exercício de viver é o de "coadjuvante", e as diferentes figuras masculinas de sua vida - pai, irmão, médico, namorado, marido, amante, filho - aparecem desempenhando o papel ativo, "permitindo", "facilitando", "impedindo", "aconselhando", "proibindo", "reconhecendo", "autorizando", "escolhendo", enfim, tomando iniciativas e deflagrando processos".<sup>(1)</sup>

Ora, exatamente estas questões surgiram no decorrer das entrevistas pois, as mulheres aceitam que o homem "naturalmente é para fora de casa e a mulher "naturalmente" para dentro de casa, ela recoloca sua posição de submissa uma vez que precisa do homem para fazer as ligações entre lar e rua.

Como diria uma das entrevistadas do "Caminho":



"Peço tudo que preciso, pois a mulher casada tem por obrigação pedir ao marido, pai ou irmão ou filho homem, pedir ordem pois ele é o homem, ele traz o dinheiro, ele é o cabeça é ele quem manda sempre".

Outra questão que surge é se mesmo educada para a submissão ela, mulher que também educa, não é cúmplice dentro de seus limites para que não surja nenhuma contra-ideologia.

Além de assumir toda uma ideologia de submissão baseada, na sua condição natural de mulher, assume também sua natureza feminina que deverá cubri-la com atributos tais como fragilidade, submissão e burrice entre outros.

Existe pois toda uma questão a ser discutida a partir dos depoimentos transcritos e que são motivo de polêmica entre alguns autores, uma vez que a ideologia age através da violência, mas existe também, uma forte dose de consentimento.

"... o mais forte não é a violência dos dominadores mas o consentimento dos dominados em sua dominação"<sup>(2)</sup>.

Esta questão tornou-se relevante a partir destes depoimentos:

"vou ensinar a gurria bem igual senão não casa".

"acho tudo errado, mas eu vou educar minha filha como eu fui educada".

Faz-se pois necessário, toda uma reflexão a partir dos depoimentos e, de como, dentro de um projeto de vida agem, de um lado o consentimento com a violência ideológica, e de outro como no projeto de vida, o indivíduo, neste caso a mulher, faz do real aquilo que lhe é revelado na ideologia.

É pela ideologia que o real é traduzido na sua experiência de viver no cotidiano e em um espaço determinado, e é deste modo que a comunidade expressa este real.

Existe então na entrevistada dois momentos do seu eu individual: a ideologia que a formou e a tornou mulher e a comunidade cultural envolvente, que lhe trazem o cotidiano já delimitado. Deste modo se questiona a mulher dentro de seu mundo, que reflete um mundo maior, e que faz com que ela tenha uma posição enquanto essencial para minar o trabalho silencioso de toda uma camada que participa indiretamente de uma ideologia exploradora.

Uma vez que é através da ideologia que se aceita o "natural" de sua exploração, cabe a ela repensar seu projeto de vida e conquistar o seu espaço e, então, mostrar como os demais de sua comunidade poderão ter a liberdade de repensar sua condição de explorados.

Esta questão da mulher ser ou não co-responsável para a mudança de sua comunidade tendo em vista o conhecimento de que a criança até os três anos recebe as informações básicas para ser ou não submissa, e a mulher dominada levará sua prole a uma aceitação maior da dominação.

#### 4.3. Referência Bibliográfica

CLAIR, Janete - Sétimo Sentido. Novela da TV Globo.

BECK, Anamaria - Lavradores e Pescadores - um estudo sobre trabalho familiar e trabalho assessorio. Florianópolis, UFSC,

1979, pg. 73.

CERES, Grupo - Ibid, pg. 314.

GODELIER, Maurice - As relações homem-mulher: o problema da do  
minação masculina. In: Encontros com a Civilização Brasilei  
ra, v. 26, pg. 9-30.

CAPÍTULO V

REFLEXÕES SOBRE A SUBMISSÃO

Neste capítulo fazemos reflexões de cunho mais geral e queremos explicar porque fizemos com que os discursos das mulheres do Caminho ultrapassassem os limites geográficos de Santo Antônio.

Constatamos que existe uma dupla opressão (no sexo e no trabalho) da mulher que reside no Caminho e que esta está ligada a aspectos particulares destas mulheres. Sugiro, porém, que estas especificidades estão também ligadas a condições encontradas em outras comunidades; como hábitos e condições de vida, que estão interligadas com o estado de higiene, saúde, instrução. E estas condições a oprimem de forma mais clara e mais visível.

Podemos perceber também que além destas especificidades, existem particularidades ideológicas que permitem a subordinação de mulheres que se encontram em outras situações sócio-econômicas. Estas mulheres são oprimidas devido a sua educação restritiva, voltada em última análise para as tarefas domésticas e de modo especial a maternidade.

Num sentido mais abrangente, sugiro, que mulheres presas a famílias ou sistemas que conservam a tradição do regime patriarcal sofrem a opressão homem-mulher, ainda que de forma menos visível; porém, mulheres economicamente dependentes e as menos dependentes tem um elo comum, ou seja, a opressão ideológica calcada na diferença "natural" do homem e da mulher.

Naturalmente, as variantes de opressão são muitas e muito ainda deve ser pesquisado para chegarmos mais perto de uma colocação definitiva.

Sendo a mulher do Caminho explorada pelo próprio explorado no caso o pai, o irmão, o namorado, o marido podemos pensar que temos uma questão por demais particular. Sugiro, porém, que as mulheres (do Caminho e mulheres em geral) são mantidas no desconhecimento de sua própria história de submissão, mesmo que trabalhe muito, o que dificulta sua ação mais determinante na mudança social. Ela mulher submissa, não sabe do valor de seu trabalho no mercado, mesmo não sendo assalariada. Desconhece pois, que na verdade não é mantida pelos maridos. Quero com isto dizer que o trabalho de dona de casa influi o mercado via bens e serviços como via mão de obra.

Tentamos localizar as entrevistadas em sua casa, local de trabalho e local aonde se projeta e modifica uma visão de mundo que parte do "eu" da mulher que se verbaliza na história de vida.

Em seguida mostramos ainda no capítulo 4, quais seriam os pontos selecionados a serem discutidos.

Neste capítulo pretendemos colocar o resultado das nossas reflexões que partiram do capítulo anterior.

Tornou-se fundamental a reflexão sobre o sexo já que este estava presente em todas as histórias de vida e por ter se mostrado um marco nos projetos das mulheres entrevistadas.

É a partir do sexo que é visto a divisão do trabalho e o próprio discurso ideológico das mulheres do "Caminho da Barra".

Podemos constatar que a desinformação e o desconhe-

cimento sexual faz parte de todos os discursos que gravamos. Se para o homem tudo parece claro, uma vez que existe o pênis, a mulher cobre-se de muitos.

Existe também toda uma necessidade de justificar o sexo através do casamento como forma de estipular os limites às atividades sexuais da mulher. A sexualidade feminina está acompanhada pelo silêncio. Esta estratégia do silêncio, de fora para dentro e de dentro para fora, ou seja, um silêncio assumido pela mulher prejudica em muito sua valorização enquanto mulher.

"A mulher, desde pequena, sabe que deve desconhecer. A negação do saber sobre a sexualidade aparece nos relatos como componente ao modelo do "feminino" que orienta a formação da identidade da mulher.

Moldar a identidade pelo desconhecimento é uma estratégia de sobrevivência desenvolvida no sentido de cumprir o modelo de pureza que a nossa cultura traça para a mulher.

Se o saber é uma forma de exercício do poder pela qual o indivíduo traduz e se apropria do mundo, saber que não deve saber é também uma forma de apropriação condizente com a posição subordinada da mulher"<sup>(1)</sup>.

A experiência da sexualidade não se refere apenas ao projeto individual de cada mulher, uma vez que ideologicamente está situado entre a natureza e a cultura.

Uma vez que o biológico - menarca, gravidez, parto - é reinterpretado pela ideologia da comunidade, a sexualidade torna-se na verdade uma construção social.

Procurando-se abordar na história de vida ciclos biológicos como infância, menarca, defloração, maternidade - aqui dando-se ênfase na gravidez e no parto, tenta-se perceber pois a sexualidade como fundamental nos projetos de vida. (Menarca = menstruação).

A partir da visualização do que seja cultural, faz-se então uma relação com o objetivo da análise ou seja, a mulher e sua subordinação frente ao trabalho doméstico e frente a sua posição de fêmea dentro da comunidade.

Mesmo que se torne claro a diferença anatômica entre macho e fêmea, sabe-se que se moldam culturalmente indivíduos que pertencem a cada um dos sexos para reagirem de forma culturalmente desejável.

Esta cultura repensada, leva a ver que existe toda uma educação que faz da mulher um ser inferior do ponto de vista biológico.

Alguns autores percebem esta inferioridade como uma condição de uma sociedade patriarcal.

"Na realidade, o discurso da nossa cultura é o discurso de uma sociedade patriarcal. Localizada dentro dele na posição de objeto, a fala da mulher é a fala do oprimido. Na relação de poder entre os sexos, ela adota o discurso masculino e através dele se descreve, se atribui, se avalia. Ao mesmo tempo, este discurso dominante é retraduzido, modificado, através da experiência cotidiana da dominação. A mulher constrói assim uma fala própria..."<sup>(2)</sup>.

A respeito do sexo:



"O próprio impulso sexual, embora corajosa ou culposamente assumido por muitas delas, é descuido na maior parte das vezes como resposta à provocação, à insistência e à estimulação do homem, o qual é vivido pela mulher como um privilégio, já que a experiência de seu próprio desejo surge diluído no "desejo de que o outro a deseje" (3).

Nos discursos das mulheres do "Caminho da Barra" aparecem colocações que sublinham o que foi dito:

"mulher deve ser quieta, sofrida e sempre pronta para o homem que escolher ela".

"a mulher não escolhe, é escolhida".

A mulher é educada sexualmente de forma bem clara. Ela escolhe entre ser pura ou impura.

Partindo deste pressuposto a mulher se submete, aceita sua submissão e poderá vir a ser esposa e/ou "mãe" ou então se revolta e será "puta".

Nos depoimentos existe um discurso que deixa bem claro que sua educação não é para promover o seu projeto de vida - PARA SI e sim para ser fêmea e mão-de-obra ou para servir os outros; que seriam em última análise os homens, crianças, velhos e doentes.

"A ideologia que empresta ao corpo da mulher a função de objeto manipulável, utilizável, ideologia tão firmemente introjetada e transmitida pela própria mulher, fá-la aceitar frequentemente como naturais e viver como acidentes as ocorrências de que seu corpo é vítima...".

Por tudo isto, não é de se admirar que o medo seja

palavra presente em quase todos os discursos recolhidos. "O medo de crescer, o medo de viver, o medo de vencer, o medo de envelhecer, o medo de morrer...

O medo do homem, da falta ou da presença, o medo do outro, do desconhecido..."<sup>(4)</sup>.

Outro ponto importante, é que as mulheres também não são educadas para perceberem o valor do que fazem.

Diz Domitila de Chungara:

"mas, apesar de tudo o que fazemos, há ainda a idéia de que as mulheres não realizam nenhum trabalho porque não contribuem economicamente para elas; que somente o marido trabalha porque recebe um salário.

Nós temos tropeçado bastante com esta dificuldade. Um dia me ocorreu a idéia de fazer anotações num quadro. Puxemos, como exemplo, o preço da roupa lavada por dúzia e verificamos quantas dúzias de roupa lavamos por mês.

Depois, o salário de uma cozinheira, de uma babá, de uma empregada.

Verificamos tudo o que fazem todos os dias, as esposas dos trabalhadores. No total, vimos que o salário necessário para pagar o que fazemos na casa, comparado com o salário de cozinheira, lavadeira, babá, empregada, era maior que o que ganhava o companheiro, durante um mês na mina.

Então fizemos nossos companheiros compreenderem que em certo sentido, trabalhamos mais que eles. E que, inclusive, contribuíamos mais dentro do lar com o que economizamos.

Assim, apesar do Estado não reconhecer o trabalho

que fazemos na casa, o país se beneficia do nosso trabalho e também o governo se beneficia, porque deste trabalho não recebemos nenhum salário" (5).

Percebe-se que quando as mulheres são socializadas por suas famílias recebem sempre a mensagem que o serviço do lar é fundamental para a continuação da família e que é ao mesmo tempo um trabalho improdutivo.

Novamente surge a valorização do trabalho fora de casa para o qual o homem é socializado. A mulher, sendo socializada para dentro de casa ou seja, para o exercício do trabalho doméstico, para a ser dona de casa pensando ser uma não produtora de valor social.

Esquece-se, que o trabalho da mulher é um trabalho indispensável para que esta mesma comunidade se reproduza como já foi dito anteriormente.

Fica pois bastante claro que existe uma diferença entre o trabalho do homem e o trabalho da mulher apela-se para o "natural" da divisão de tarefas que se fundamenta na natural diferença sexual.

Dizem as nossas entrevistadas:

"homem e mulher são diferentes, foi Deus quem quis".

Isto leva também a um posicionamento se a mulher trabalha fora de casa. Este seu trabalho externo é secundário, se o cotidiano ficar embaraçado ela deverá voltar para o seu espaço de dentro de casa.

Quando não quer ou não pode largar este seu trabalho externo deverá arcar ou fazer arranjos com o serviço do-

méstico.

"A entrada no mundo do trabalho externo não representa, desta forma, uma ruptura com a responsabilidade pelas tarefas domésticas. Na realidade, a mulher passa a desenvolver uma dupla carga, já que se lhe exige responsabilidade pelas duas esferas de atuação" (6).

Qual seria esta decisão "natural" que leva a toda uma mistificação ?

Existe uma forma para legitimar este trabalho doméstico como um trabalho para a família, esquecendo-se que é um trabalho social.

A chamada divisão "natural" entre homens e mulheres inicia desde cedo, com os preparativos na família - as primeiras brincadeiras que tendem a se relacionar com a mãe. Uma boneca logo é acalentada, não pelo natural instinto feminino e sim porque ao se entregar a boneca na mão da menina já se entoia uma canção de ninar e lhe ensina como se segura um "nenê".

Outra forma de fazer com que a menina seja "naturalmente feminina", é fazendo com que ela esteja sempre penteada e arrumada. Para tal a mãe incentiva aquilo que é "naturalmente" feminino e não aplaude atitudes ativas como jogar bola ou correr no quintal.

Isto é essencial para fazer da pequenina, uma expectadora, só se admite atividade "em coisas de mulher". Como imitar a mãe nos serviços domésticos ou então brincar com os bilros. (Bilro = pequeno instrumento de madeira usado na confecção de renda).

É interessante notar que o menino "na rua" cresce a través de erros e acertos mas de forma bem mais paciente do que a garotinha que ao lavar um copo, molhe o chão da cozinha. A reação negativa da mãe ou da irmã é bem mais severa. Também aprende logo a "servir", levar água para o irmão, pentear o cabelo do pai... o filho não é incentivado a "servir" mãe ou avô, se muito "ajuda" o pai.

A ideologia feminina manifesta que a menina, para tornar-se mulher deve ter uma relação de submissão para com os homens da casa. É fato real que sua educação visa o desconhecimento daquilo que está na "rua" e, do que palpita dentro dela.

Para que conhecer seu corpo ? É desnecessário, uma vez que o seu corpo não deverá ser seu, ser preparado para o homem que a escolher.

Quando se tornar mulher saberá que foi escolhida e portanto deverá doar-se enquanto fêmea, enquanto mãe pois esta é sua finalidade.

Uma vez que a casa será o "ninho" para abrigar sua prole e sobretudo o "dono" de tudo, deverá ser preparada para assumir todos os serviços que sua mãe faz e que é um serviço de mulher uma vez que implica em servir e agradar àqueles que trazem "para dentro de casa" o necessário, nem que seja o mínimo. Se por sua vez este "necessário" não basta e ela precisa "ir para rua", isto não a impede de fazer as "coisas de mulheres" como cozinhar, lavar, ir na venda, cuidar das crianças e do companheiro, além de parentes que venham a morar com ela.

"Apesar disso, quando se fala de uma mulher que não

é trabalhadora fora do âmbito doméstico, geralmente se diz: ela não trabalha; fica em casa. Existe, inclusive, uma nomenclatura para mascarar o que as mulheres fazem. Não é trabalho: são os "afazeres domésticos" (7).

Surge daí outro aspecto da ideologia feminina ou seja, de como se vê a educação do homem.

Parece ser fundamental perceber como a ideologia vê o "fazer-se mulher" e o "fazer-se homem":

A partir desta ideologia se dá a divisão de trabalho que dá o direito ao homem de não se preocupar com os "afazeres domésticos" e sim de adquirir bens para a família.

A partir do "tornar-se homem", a mulher legitima o poder econômico e político do homem.

"No entanto, se levarmos em consideração as horas que a mulher deve dedicar aos afazeres domésticos, vemos que frequentemente excedem às horas de trabalho do marido fora de casa.

A remuneração que a mulher receberia pelas mesmas tarefas realizadas fora de casa (num hotel, num restaurante, numa clínica, numa escola, em outra casa de família), frequentemente chega a superar aquela que o seu companheiro recebe no campo, numa mina ou numa fábrica. Mas o trabalho não socializado do lar não é computado, não é reconhecido socialmente.

É um trabalho invisível"

É pois, a partir da visualização que a mulher tem do homem e da mulher, que se dá toda uma divisão do trabalho aonde existe a violência de uma dominação que se permite ao ho

mem no momento que ele é homem ou seja é lutador, e sobretudo detentor do poder de decisão.

A mulher se vê como subordinada pois é ela que ajuda, é ela que complementa o ingresso, pois enquanto mulher ela é mãe e mulher, ou seja ela é mais fêmea do que indivíduo social.

Disto decorre também seu posicionamento sexual - o homem deve ser livre e a mulher precisando casar, ter sua família, ter seu lugar na casa, sabe que deve aceitar as ordens do homem enquanto "dono" da casa.

Seria quase uma confirmação do que Napoleão Bonaparte declarou há 200 anos:

"A natureza quis que as mulheres fossem mais escravas (...) de modo que elas nos pertencem sem que nós lhes pertençamos. Elas são nossas exatamente como uma árvore frutífera pertence ao jardineiro. Que idéia desparatada esse de pedir igualdade para as mulheres. Mulheres não passam de máquinas de produzir filhos"<sup>(9)</sup>.

Quando uma criança vem ao mundo ela já será encaminhada pelas mulheres de sua unidade doméstica para tornar-se homem ou mulher, é no dia a dia que vai se dar o tornar-se mulher - enquanto subordinada a tornar-se homem - subordinação não à mulher mas a valores que o obrigam desde pequeno a ser da rua, a se iniciar sexualmente de forma agressiva; de mostrar que é livre para gastar o seu dinheiro na venda, já que nenhuma mulher pode exigir qualquer coisa dele.

No sexo a mulher deverá se subordinar ao homem, mas se ele demonstrar atitude de fraqueza será razão de divertimenu

to a toda comunidade. O homem tem por obrigação manter seus familiares num posicionamento de subordinação.

A mulher que transmite os valores a seus filhos , transmite também a subordinação, pois é importante que a divisão entre filhos e filhas perdure, para que perdure no que acreditar.

"cada mulher vive a condição feminina em determinadas circunstâncias derivadas das diferentes classes sociais.

A existência da discriminação entretanto é comum a todas as mulheres, independente de sua condição de classe" (10) .

É importante notar que quando, na ideologia feminina aparecem ítems como obedecer ao homem, aceitã-lo envolver seus desejos - seus projetos numa nuvem indefinida e exigir do homem uma capacidade para vencer toda e qualquer barreira do mundo "fora do lar" e dando-lhe o direito de usar da violência com ela e que em resposta sô lhe cabe chorar ... isto se baseia em ...

"... a ideologia vigente que cria o mito de que não é a estrutura social que limita a potencialidade humana, mas que são os limites da potencialidade humana responsáveis pelo pouco desenvolvimento da mulher... o problema da discriminação contra a mulher deve-se ao simples fato de que a mulher é mulher" (11) .

Tenho certeza que ela preferia estar numa fábrica a estar aturando a limpeza da casa, a bagunça que os moleques fazem" (12) .

"O trabalho doméstico envolve um conjunto de ativi-



dades que se realizam em dois níveis: no primeiro são executadas, cotidianamente, todas aquelas tarefas que permitem ao trabalhador descansar e renovar suas forças para o trabalho produtivo do outro dia. Nesse grupo incluem-se o preparo dos alimentos, a limpeza da casa, a lavagem e o conserto de roupa além da compra de todos os bens necessários aos membros da família. No segundo nível situa-se atividades implicadas na formação de uma nova geração de trabalhadores para a sociedade, envolvendo a gravidez, o parto, a guarda, a proteção e socialização das crianças" (13).

É importante notar que esta diferença natural (a mulher dentro de casa, o homem fora de casa) não foi sempre tão rígida. Houve épocas em que o homem desempenhou um papel importante nos trabalhos domésticos.

Segundo a mesma obra, nestes momentos da nossa história, o trabalho doméstico não foi desvalorizado e até valorizado.

Mesmo quando limitadas à esfera do lar estas tarefas eram ligadas à produção social de forma visível.

"Em estudo historiográfico sobre a família e o trabalho da mulher em diversos países europeus no século XIX, realizado em 1975, Scott e Tilly descrevem a unidade doméstica como a unidade básica de produção.

Os membros das famílias tinham deveres claramente definidos, determinados por sua idade, sexo e posição da família.

A diferenciação de papéis sexuais existia, homens e

mulheres executavam tarefas diferentes, ocupando espaços distintos. Enquanto o homem assumia a primazia na esfera pública, a presença da mulher limitava-se ao âmbito doméstico, no qual se exercia seu poder. Embora a influência feminina fosse confinada à esfera doméstica, o progresso material da família dependia tanto da esposa quanto do marido. A mulher trabalhava em todo o tipo de atividade, muitas delas extensões de suas funções, como a criação de animais domésticos, a confecção de roupas etc...

No final do século XIX, com a Revolução Industrial o trabalho passou a ser dividida em duas esferas distintas: de um lado a unidade doméstica, de outro a unidade de produção.

A essa fragmentação correspondem uma divisão sexual do trabalho, cabendo ao homem o trabalho produtivo extraluar, pelo qual passou a receber um salário, enquanto à mulher coube principalmente a realização das tarefas relativas à reprodução da força de trabalho, sem remuneração.

"A ideologia se encarregou do resto, transformando essa rígida divisão "natural", própria à biologia de cada sexo. A mistificação do papel de esposa e de mãe concretizou-se mais facilmente na medida em que casa e família passaram a significar a mesma coisa; apesar de na verdade não o serem: enquanto a casa é, uma unidade material de produção e de consumo, a família é um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos e psicológicos" (14).

Percebe-se pois toda uma ideologia que faz com que se veja o trabalho doméstico como um trabalho para a família e não um trabalho social, uma vez que todos usufruem deste tra

balho.

Mais uma vez aparece que a mulher é quem deve assumir os "trabalhos da casa" e o homem como tem que ser preparado para a rua nada tem a ver com o trabalho da casa, já que trabalho de casa é da mulher pois exige paciência, que é um atributo da mulher.

Até nas associações extra lar, cabe a mulher preparar a comida, costurar; no caso de associações religiosas percebe-se que a Igreja é sempre uma instituição com estrutura patriarcal e portanto não permite uma reavaliação que escape da opressão do sexo.

Dia a autora Solange Padilha:

"Ao bater-se pela igualdade, a Igreja privilegia o conjunto dos oprimidos e o direito formal do homem para com a mulher mas esse direito é marcado pela concepção de uma "natureza feminina" (15).

Percebe-se que em todos os momentos, aparece a ideologia da "natureza" e que só serve para encobrir a autoridade e portanto a opressão que ocorre em relação ao que seja próprio da mulher.

Em todos os momentos aparece em relação a mulher um controle social e é através das crianças que vão tornar-se mulheres e homens baseando-se em tudo que percebem que imitam, que ouvem.

Não podemos nos esquecer que o principal meio de socialização se dá no cotidiano pela própria família. Segue-se os meios de comunicação, a escola que junto com a família transmi

tem a ideologia de que o homem e a mulher devem ter direitos e obrigações bastante diferenciados.

É importante ressaltar, que o rádio e a televisão invadem muito mais as casas das entrevistadas, do que livros ou periódicos, e que ao tornar-se uma mulher já incorporou valores que facilitam a aceitação de dramas e novelas que tanto invadem os seus lares.

Dia a autora Moema Viezzer que:

"Enquanto cumpre suas tarefas, vai observando e interiorizando, de forma inconsciente, o conteúdo alienante transmitido pelas canções, pelos programas femininos, pelas novelas de rádio e televisão que adormecem-na e a entretêm, porque são preparadas para que a mulher não compreende sua situação, não saiba onde está"<sup>(16)</sup>.

Novamente fica claro que a família dentro de uma comunidade reproduz a dominação material ou, quando isto não se dá, encontramos a repressão ideológica.

É no lar, e não na rua, que vai se dar toda a base da aceitação de repressão junto à mulher e junto às crianças.

Percebe-se o duplo jogo, isto é, de um lado a mulher é vítima, e do outro ela é cúmplice: quando ela repensa os valores e assim mesmo os reproduz.

A autora acima referida coloca:

"A mulher deve atuar nos locais de trabalho, em seus bairros, buscando novas soluções para a forma como estão organizados o trabalho doméstico, a educação dos filhos e as relações entre homens e mulheres... deve desenvolver uma luta

a nível de estrutura, que leve em conta o conjunto de suas funções.

A consciência das diversas formas de sua opressão lhe dará a perspectiva da libertação" (17).

Uma outra perspectiva se encontra em outra obra, da autora Margaret Mead:

"Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas - tais como passividade, suscetibilidade e disposição para acalantar crianças - podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo" (18).

Diversos outros autores chamam atenção para a inexistência da "natureza" feminina ou "natureza" masculina, tal como é socialmente enfatizado.

É sempre ideologicamente que, vão ser criados dentro do ser em formação, certas padronizações que vão diferenciar os sexos, existe pois gerações que aceitam as criações culturais e sobretudo são treinados a acertar estas criações.

Para o homem que aprendeu ser o centro da família, homem este que "na rua" bebe, procura parceiras sexuais diversas, entra em choque quando acontece o desemprego ou quando a companheira tem uma colocação "fora de casa". Ganhar a subsistência é uma prova de virilidade tão importante como manter a ordem na sua casa.

Como diria Lobrot, é na exploração do homem pelo ho

mem que se dá a aceitação de uma autoridade" (19) .

Claro, que a mulher está livre para ir à rua, mas com isto ela deverá desistir de tudo que necessita para ser mulher, ou seja, ideologicamente seu objetivo é casar e ter filhos e, para tanto ela delega ao homem o direito de a ter como propriedade, para que ele - homem cumpra sua parte de proprietário, o que iguala dizer, de responsável.

Mais uma vez recorrendo a Lobrot:

"Ter a propriedade de uma pessoa ou de um objeto não é outra coisa além de possuir o poder, fundado na força ou reconhecido pela sociedade (ela própria utilizando a força para torná-lo reconhecido), de usar e abusar dessa pessoa ou objeto como bem entender.

A força exercida direta ou indiretamente pelo reconhecimento de um direito é o fundamento da propriedade e permite o exercício da autoridade, isto é, os atos pelos quais se faz uso dessa propriedade" (20) .

Quando a mulher é socializada para se tornar propriedade do homem, portanto ligada somente à esfera doméstica, aceita também a dominação como fundada na submissão "natural".

Ora, surge então o como definir os espaços ocupados por aqueles que são mulheres e aqueles que são homens.

Existe pois um pacto de subjugação tanto do homem como da mulher deixando a dominância masculina se fortalecer.

Temos a respeito da condição feminina na sociedade atual:

"Na verdade, o progresso jurídico, no que concerne

à mulher, sobretudo em relação às instituições do casamento e da família, posterior à Revolução Francesa, é muito limitado. Ao contrário, o Código de Napoleão, por exemplo, acentua os aspectos de confinamento da mulher às funções do lar e da maternidade, e ao matrimônio como única realização pessoal admitida pela sociedade" (21).

E logo depois, na mesma obra:

"Para apoiar esta situação coercitiva de confinamento no interior, nos muros do lar, constroem-se concepções romanceadas, ideologicamente apoiadas em filosofias racionalistas sobre a natureza "frágil", "instintiva", "sensível", "emotiva" da mulher por oposição a uma natureza "forte", "racional", "inteligente", "fria" que caracterizaria o homem" (22).

Voltamos a colocar de quanto a mulher é vítima e cúmplice de uma posição ideológica, razão da análise das entrevistas:

As leituras feitas, para uma melhor compreensão dos discursos permitem uma melhor apreensão das contradições que indicam a preocupação das entrevistadas com o papel assumido pela mulher, enquanto reprodutora biológica, e enquanto reprodutora social, esquecendo-se do seu papel de reprodutora ideológica.

Parece que, após a leitura dos discursos clarificou-se como as mulheres em seus projetos de vida, transmitem à sua prole e outro conhecimento de seu corpo, de suas emoções, segundo a visão de suas mães.

Retomando a obra citada anteriormente:

"... na medida em que, (a mulher) nos "ensinamentos" que proporciona aos filhos, no atendimento às suas necessidades afetivas na formação do seu caráter, pelo exemplo vivido de qualidades compatíveis com as suas "características" : simplicidade, fidelidade, recato, asseio, um pouco de vaidade (que lhe vem da "natural beleza") e imaginação, compaixão, bondade e pureza, está moldando à sua maneira, o futuro cidadão e a futura mãe de família. Desta forma, o contato que a criança tem com seu corpo, sua sensibilidade e suas emoções, se fazem via materna" (23).

Voltando às reflexões básicas desta análise, percebemos que, na análise dos discursos nota-se que existe um projeto, ninguém recebe informações culturais sem digerir partes da mesma e, que entre homens e mulheres existe um pacto, provavelmente remontando a este "fazer-se homem", que tem seus alicerces na ideologia familiar.

Este pacto faz com que em linhas gerais a mulher ao ser de dentro do lar assume o que é de "dentro" - cuida do corpo e dos objetos do companheiro, controla o que existe de vivo ou inanimado no "seu" lar.

O homem por sua vez deve cumprir seu dever em troca do controle da mulher a quem cede parte do seu projeto, uma vez que sua vida de fato deve se passar na rua.

A mulher, também deverá cumprir com obrigações como despojar-se de tudo em prol do companheiro e da prole.

Para tanto deve haver o aceite de valores como o amor eterno e sobretudo único. O prazer, neste tipo de relacionamento, é o que menos conta uma vez que é um pacto de deve



res.

Percebe-se pois, que a paciência, o sacrifício e a renúncia, caminham do lado da paixão e do amor.

A partir de como um conjunto de idéias, que fazem parte de uma determinada cultura ou da vivência de uma cultura, se infiltra no lar, a mãe ou a mulher faz a grande divisão - rua e lar.

Simone de Beauvoir coloca muito bem no seu livro *O Segundo Sexo*<sup>(24)</sup>, não é a natureza feminina que limita as mulheres, tornando-as susceptíveis à opressão e seus costumes, preconceitos e leis arcaicas das quais elas, mulheres oprimidas, são e eram cúmplices em maior ou menor grau.

Uma vez que optamos para uma reflexão edificada sobre a ideologia que provoca a constituição do feminino e do masculino, faz-se necessário perceber mais sobre a natureza feminina e sobre a natureza masculina.

De acordo com Jacqueline Pitanguy de Romani:

"A legitimação dessa assimetria em nome de um biológico histórico recorre frequentemente ao argumento de que o sexo é um elemento universal de hierarquização e universal porque natural. Entretanto, estudos antropológicos demonstram que, havendo uma universalidade do sexo e da idade como elementos de diferenciação na divisão social do trabalho, o tipo de diferenças e as hierarquizações daí resultantes, longe de serem universais são, ao contrário, extremamente específicas. Tais estudos, demonstram, que não existe uma divisão de papéis sexuais de caráter universal pois esta varia de sociedade para sociedade. Se em determinada sociedade a colheira, por exem-

plo, é uma atividade masculina e em outra é uma atividade feminina é porque a divisão do trabalho se apoia em critérios sociais e não em critérios biológicos" (25).

Claro, que quanto mais forte é a aceitação da natureza feminina e da natureza masculina, maior a dificuldade da mulher se livrar do poder coercitivo da ideologia referente ao trabalho invisível que se funda na natureza dos sexos.

Seguindo o raciocínio da autora:

"Essa essência, esta natureza é, paradoxalmente, passível de ser, a todo momento, perdida e, para que tal não ocorra a cultura se mantém vigilante. Assim, ela deve ser constantemente apreendida, vigiada, controlada.

Perder a feminilidade ou a masculinidade é uma ameaça constante e as regras para que tal não ocorra devem ser acatadas desde a infância, nos tipos de brincadeiras, nos "modos", no "próprio" de meninos e meninas" (26).

Decorre daí também a passividade de muitas mulheres que aceitam de certa forma a violência de seus pais e companheiros.

Uma vez que ela fica dentro de casa cabe a ela esperar ansiosa a volta do companheiro que está fora de seu domínio - de seu espaço.

Na volta "ao ninho", o homem poderá aparecer violento e, uma vez que foi incentivado nela, durante o período do seu "tornar-se mulher" traços de caráter como: abnegação, meiguice e docilidade, estes traços inibem nesta mulher, a coragem para enfrentar este homem, ainda mais que esta agressivida

de masculina lhe parece "natural".

Dentro de uma visão geral dos discursos, percebe-se que os momentos de sua vida efetivamente marcantes como a menarca, são já o seu primeiro momento de silenciar e ocultar o seu corpo. Tudo faz com que ela negue suas sensações, sua sexualidade, portanto nega-se enquanto mulher.

Podemos ler em Anatomia da Violência:

"Tanto os esteriótipos diferenciais que cinzelam o temperamento de cada sexo, quanto as regras que orientam a relação de cada sexo com seu próprio corpo vão ter consequências profundas a nível do comportamento sexual de cada um. A noção de virilidade por exemplo, se constrói em torno de valores tais como a agressividade, a livre iniciativa, a satisfação imediata do desejo. A feminilidade se tece em torno da aceitação dessa agressividade masculina e da percepção de que sua sexualidade está destinada a ser objeto de apropriação do homem. Ao homem é permitido viver completa e publicamente a sua sexualidade.

Ele pode ser ao mesmo tempo viril e honrado. Ser fiel, bruto, exigente e voluntarioso faz parte das virtudes legítimas de um homem que se quer macho.

O complemento dessa exuberância é sem dúvida a parcimônia sexual da mulher virtuosa. À mulher - santa, esposa e mãe, reserva-se o destino de secundar passivamente como uma sombra, a atividade do homem..." (27).

É pois compreensível dentro da ideologia que torna crianças, mulheres e homens, que mulheres estão a tal ponto su

focadas que pensam merecer a agressividade do homem, achando que elas o provocaram e, deduz-se que a vontade da mulher parece ser inexistente.

Chegando-se a este ponto de reflexão podemos aceitar que a mulher de um lado, age na esfera doméstica e que aceita a divisão "natural" em geral e a divisão do trabalho em particular entre os sexos.

Isto leva o homem a atuar na esfera pública, cristalizando o seu trabalho em coisas socialmente visíveis. A mulher atuando na esfera doméstica, oculta-se da vida pública, tornando o seu trabalho invisível socialmente.

No livro - Para uma ciência da libertação da mulher - lemos a seguinte afirmação:

"Fez-se da mulher a responsável pela continuidade da espécie, passando por alto a co-participação do homem. Correlativamente, surgiu a crença na incapacidade da mulher para realizar tarefas "pesadas", "perigosas" ou de "responsabilidade". (28)

Uma vez que percebemos que existe uma divisão que faz com que a mulher deverá se ligar a esfera doméstica e o homem à esfera pública, temos uma família do tipo tradicional.

Este termo "família" origina-se do latim "Famulus" que quer dizer conjunto de servos e dependentes de um senhor, o que quer dizer de um líder, de um homem que dá as ordens.

Segundo o Código Civil brasileiro podemos constatar; que existe uma família, na qual o marido é legalmente considerado o chefe da sociedade conjugal (artigo 183) exercendo

seu poder com a colaboração da esposa. É ele, o homem que representa a família, administra seus bens, fixa domicílio (art. 233), deve prover a manutenção da família (art. 234) mas, que a mulher poderá limitar sua autoridade econômica legal. De acordo com o artigo 249, compete à mulher a administração dos bens do casal quando o marido estiver em lugar remoto ou desconhecido e ainda (art. 250 e 252) quando ele estiver preso ou juridicamente impossibilitado" (29).

É pois claro que "para tornar-se realmente livre, a mulher tem que se desembaraçar das cadeias que faz pesar sobre ela a forma atual, ultrapassada e constrangedora de família.

Para a mulher, a solução do problema familiar não é menos importante que a conquista da igualdade política e o estabelecimento de sua plena independência econômica" (30).

Esta colocação de Alexandra Kollontai, abre uma questão: se a mulher deverá sair do jugo da família para repensar seu projeto de vida ou procurar minar a ideologia que faz do trabalho da mulher um trabalho individualizante, sendo que a solidariedade entre as mulheres é quase impossível uma vez que seu único objetivo é ter seu homem, sua casa e seus filhos.

A mulher precisa pois zelar para que não haja transformações de mentalidades que poderiam desencadear um processo de transformação social.

Para Simone Beauvoir a libertação feminina deve partir do próprio projeto de vida:

"A libertação da mulher não pode ser um produto de-

rivado das novas instituições, deve elaborar-se em sua própria individualidade. A libertação da mulher começa no lar, antes de abarcar a sociedade em seu conjunto" (31).

Segue-se daí, que o sexo oprime a mulher, se isto se deu somente no momento em que o homem se converteu em dono, e para tal exigiu da mulher que esta conservasse o que era seu ou, se o homem explora a mulher antes da existência de sociedades de classe é uma reflexão anterior e posterior a esta reflexão.

O que de fato é objetivo desta reflexão é, a partir de determinados discursos de determinadas mulheres, perceber até que ponto elas são passivas, ou se tem projetos de mudança, se a cultura a que pertencem tem meios para impedir uma ação libertadora que, em última análise, abarcaria toda esta comunidade.

A partir das leituras efetuadas e da visão alcançada, pensamos que de fato as mulheres entrevistadas não são totalmente passivas e suscetíveis à violência e à agressão por parte do mundo em que vivem uma vez que apresentam indícios de uma visão crítica.

É a partir da força e do peso que a mulher dá aos esteriótipos, relativos ao sexo, que ela se posiciona inconscientemente como uma reprodutora ideológica, transmitindo à sua prole valores que os tornam "homens" e "mulheres".

Finalizando transcrevo uma colocação em volta da qual giraram minhas reflexões, uma vez que ela traduz o discurso de quase todas as entrevistadas:

"o certo é criar igual e ensinar mas não adianta, cadê os direitos da mulher. Ela é sempre mandada...".

### 5.1. Referências Bibliográficas

CERES, Grupo. - Ibid., pg. 327.

CERES, Grupo. - Ibid., pg. 314.

CERES, Grupo. - Ibid., pg. 314.

CERES, Grupo. - Ibid., pg. 351.

VIEZZER, Moema. - Ibid., pg. 30.

CERES, Grupo. - Ibid., pg. 365.

VIEZZER, Moema. - Se alguém quiser saber. São Paulo, Global Edit., 1982, pg. 159.

VIEZZER, M. - Ibid., pg. 110.

BONAPARTE, Napoleão. - In Nazar. Mãe Solteira Operária - Uma questão para o serviço social. Rio de Janeiro, IFRJ, 1981, pg. 31 (mimeo.).

SAFFIOTI, H. - Emprego doméstico e Capitalismo. Petrópolis, Vozes, 1978, pg. 33.

CARDOSO, I. - Mulher e Trabalho: discriminação e barreiras no mercado de Trabalho. São Paulo, Cortez Editora, 1980, pg.47.

SILVA, Luiz Inácio. - Uma luta comum de homem e mulher. In A Discriminação começa na família.

- BRUSCHINI, M.C.; e ROSEMBERG, F. (org.). - Trabalhadoras do Brasil. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982, pg. 9.
- Ibid., pg. 10.
- Ibid., pg. 200
- VIEZZER, Moema. - Ibid., pg. 171.
- Ibid., pg. 202.
- MEAD, Margaret. - Sexo e Temperamento. São Paulo, Edit. Perspectiva, 1969, pg. 268.
- LOBROT, M. - A favor ou contra a autoridade. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1973, pg. 15.
- Ibid., pg. 15.
- LUZ, T.M. (org.). - O Lugar da Mulher. Rio de Janeiro, Graal, 1982, pg. 13.
- Ibid., pg. 14.
- Ibid., pg. 15.
- BEAUVOIR, S. - O Segundo Sexo. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- PITANGUY, Jacqueline. - Mulher: Natureza e Sociedade. In: O Lugar da Mulher, Rio de Janeiro, Graal, 1982, pg. 62.
- Ibid., ; Ibid., pg. 63.
- ALBANO, C. e MONTEIRO, Paula. - Anatomia da Violência. In: O Lugar da Mulher. Rio de Janeiro, Graal, 1982, pg. 111.
- LANGUIA, I. e DUMGULIN, John. - Para uma ciência da libertação da mulher. São Paulo, Global, 1982, pg. 21.



CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO. - São Paulo, Ed. Saraiva, 1969.

KOLLONTAI, Alexandra. - Marxismo e Revolução Sexual. São Paulo, Global, 1982, pg. 13.

BEAUVOIR, S. - Ibid., pg. 39.

CAPÍTULO VI

PALAVRAS FINAIS

Após findarmos esta dissertação, gostaríamos de colocar a nossa visão de uma possibilidade de mudança nos projetos de vida futuros.

Percebemos que é a mulher, que deverá se rebelar contra a ideologia que a formou.

Como mulher objeto e propriedade do homem, doméstica, familiar e sexualmente falando.

Observamos que os valores estão bastante cristalizados e que estão presentes também na escola, na igreja e nas associações, a qual a mulher tem acesso.

Lembramos, que quando iniciamos este trabalho, tínhamos como objetivo um estudo da ideologia enquanto possibilidade de transformar "projetos" de mulher em uma dada comunidade.

Neste momento, ainda acreditamos ser a mulher uma peça fundamental na formação da concepção de mundo de uma criança, para que esta assuma o seu papel de homem ou de mulher numa comunidade determinada.

Papel este, que a ideologia procura prender e uma suposta "natureza".

Através dos quinze (15) discursos que escolhemos, pensamos encontrar uma razão para a opressão da mulher enquanto mãe, filha, irmã e companheira e, como seu trabalho na unidade doméstica é percebido.

Notamos que a mulher não traça livremente seu "projeto", uma vez que este se liga à ideologia da dominação.

Notamos também que caberia a ela superar esta sua

submissão através de uma revisão crítica e de uma contradição ideológica.

Aparentemente, parece que estamos nos movimentando dentro de um círculo vicioso pois: afirmamos que sua posição acrítica deve-se ao "como tornou-se mulher" e, por outro lado, dizemos que ela é a indicada para modificar sua comunidade.

De fato não é um círculo pois, notamos que entrevistas que existem contradições nos discursos, o que leva a aceitar um círculo com algumas aberturas, as quais dão margem a uma revisão crítica dos "projetos". Portanto existem possibilidades de mudanças, ainda que dificuldades terão de ser enfrentadas e muito trabalho realizado pelas próprias mulheres.

Pensamos que a mulher tem um grande obstáculo ideológico, o qual é a chamada "natureza feminina". Uma vez que ela perceba em que é prejudicada reproduzindo este valor, irá haver nela todo um reposicionamento ideológico.

Baseando-nos nesta afirmação, pensamos ser ilusório esperarmos uma mudança vida de "fora", uma vez que para o Estado a mulher submissa é mais fácil de dirigir. Os sistemas autoritários fundamentam, na constituição da família tradicional, sua força.

Decorre da posição estatal o posicionamento da televisão e do rádio que sublinharão o papel da mulher que se submete para o "bem" da família. No que diz respeito ao Clube das Mães, a associação que através de palestras poderia ajudar na reformulação dos valores, está por demais ligado à Igreja Católica tradicional, cujo modelo maior é a Virgem Santa que em última análise é uma mãe submissa.

Pareceu-nos que a única via de mudança seria, no momento, trabalhos de base vagarosos e profundos que, através de uma associação recreativa proporcionasse uma solidariedade entre as donas de casa. É fundamental que se crie uma união entre as mulheres que só poderá ser alcançada através de trabalho. Esta é uma experiência que deu certo no alto rio Tocantins antes do atual governo.

Esta associação é pois, primeiro recreativa e aos poucos ela vai unindo e conscientizando. Porém, é de suma importância que estes trabalhos de base sejam liderados por conhecedores dos valores da comunidade e dos riscos que tal mudança poderá trazer.

É baseando-se nas próprias contradições apontadas no cotidiano pelas mulheres que se deverá desenvolver este trabalho vagaroso e árduo.

Não devemos esquecer que, se de um lado a "natureza" feminina mascara a opressão, delegando a mulher um lugar pré-determinado dentro da comunidade, é também via consciência das contradições decorrentes desta suposta "natureza" feminina que se poderá dar a ruptura.

Concluo pois, que a curto prazo a mulher continuará a reproduzir a ideologia da "rainha do lar", porém a sua participação num trabalho de base claro e sério, fará com que paulatinamente ela poderá vir a ser conduzida a ser dona de seu destino.

Neste momento ela terá possibilidades em traçar o seu "projeto de vida" autônomo e, perceber que além de vítima, ela também é cúmplice do seu destino.

B I B L I O G R A F I A

1. ALAMBERT, Zuleika. A situação e organização da mulher. São Paulo, Global Edit., 1980 (Cadernos do Centro da Mulher Brasileira, 1).
2. ALVES, Branca Moreira. Ideologia e Feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Edit. Vozes, 1980.
3. BARROSO, Carmen. Mulher, Sociedade e Estado no Brasil. São Paulo, Unicef/Brasiliense, 1982.
4. BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo: fatos e mitos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
5. BECK, Anamaria. Lavradores e Pescadores - um estudo sobre trabalho familiar e trabalho acessório. Florianópolis, UFSC, 1979.
6. BELOTTI, Elena Gianni. Educar para a submissão - o descondicionalamento da mulher. Petrópolis, Vozes, 1981.
7. BISHOP, N.; HAMILTON, S.; BOWMAN, C. Confidências de Três Mulheres. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1982.
8. BLAY, Eva A. Trabalho industrial X trabalho doméstico: a ideologia no trabalho feminino. (Cadernos de Pesquisa, 20) 1975.
9. BRUSCHINI, Maria Cristina e ROSEMBERG, Fulvia. Trabalhadora do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.
10. CABRAL, Oswaldo. História de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Ed. Laudes, 1970.
11. CARDOSO, Iredé. Mulher e Trabalho: discriminações e barreiras no mercado de trabalho. São Paulo, Cortez Edit., 1980.

12. CARDOSO, Iredé. Os tempos dramáticos da mulher brasileira. São Paulo, Global Editores, 1981.
13. CERES, Grupo. Espelho de Vênus: identidade sexual e social da mulher. São Paulo, Brasiliense, 1981.
14. CHACON, Vamireh. História das idéias socialistas no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
15. CORBISIER, Ana (org.). A Libertação da mulher. Petrópolis, Global Edit., 1979.
16. DURAN, Maria Angeles. A dona de casa - crítica política da economia doméstica. Núcleo de Estudos sobre a Mulher. Rio de Janeiro, PUC, 1981, mimeo.
17. Encontros com a Civilização Brasileira, vol. 3, nº 26, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
18. ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
19. ESCOBAR, Carlos Henrique. Ciência da história e ideologia. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
20. FELIX, Moacir e CUNHA, Fausto (org.). A crise da família e o futuro das relações entre os sexos. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1971 (Ecumenismo e Humanismo, 29).
21. FRIEDAN, Betty. A mística feminista. Rio de Janeiro, Edit. Vozes, 1973.
22. GODELIER, Maurice. As relações homem-mulher: o problema da dominação masculina. Encontros com a Civilização Brasileira, vol. 26, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.



23. HEREDIA, Beatriz. A morada da vida. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
24. JONGEWARD, Dorothy; SCOTT, Dru. Mulheres vencedoras. Análise transacional para o desenvolvimento pessoal. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.
25. KOLLONTAI, Alexandra. Marxismo e revolução sexual. São Paulo, Global Editores, 1982.
26. KOWARICK, Lucio. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
27. LACLAU, Ernesto. Política e ideologia na teoria marxista : Capitalismo, fascismo e populismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
28. LANGLEY, R. e LEVY, E. Mulheres espancadas, fenômeno invisível. São Paulo, Ed. Hucitec, 1980.
29. LANGUIA, Isabel e DUMOULIN, John. Para uma ciência da libertação da mulher. São Paulo, Global Editora, 1982.
30. LAFARGUE, Paul. A questão da mulher. In: A libertação da Mulher, São Paulo, Global Editora, 1982.
31. LEITE, Rosalina de Santa Cruz. A operária Metalúrgica. São Paulo, Editora Semente, 1982.
32. LOBROT, Michel. A favor ou contra a autoridade. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Edit., 1973.
33. LUZ, Madel, T. (org.). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.
34. MARX, ENGELS e LENIN. Sobre a mulher. São Paulo, Global Edit., 1981.

35. MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo, Edit. Perspectiva, 1969.
36. MICHEL, André. As produtoras invisíveis, o emprego e as necessidades essenciais. In: Ciência e Cultura, vol.33, nº 8, 1981.
37. MONTENEGRO, Ana. Ser ou não ser feminista. In: Cadernos Guararapes, nº 3, Recife, Edit. Guararapes, 1981.
38. NAZAR, M.C.F. de S. Mãe solteira operária - uma questão para o serviço social. Rio de Janeiro, UFRJ, 1981 (Dissertação de Mestrado).
39. PITANGUY, Jacqueline. Mulher: Natureza e sociedade. In: O lugar da mulher. São Paulo, Edit. Graal, 1982.
40. POSTER, Marck. Elementos de uma teoria crítica da família. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
41. PRADO, Danda. O que é família. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.
42. PRAVAZ, Susana. Três estilos de mulher: a doméstica, a sensual, a combativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
43. RIBEIRO, Darcy. Os Brasileiros: Teoria do Brasil. Rio de Janeiro, Vozes, 1978.
44. RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologias, Edit. Livraria Francisco Alves, 1977.
45. SAFFIOTI, H. Trabalho feminino e Capitalismo. In: Perspectivas. Ano I, vol. 1, nº 1, 1976.
46. SAFFIOTI, H. Emprego doméstico e capitalismo. Petrópolis Vozes, 1978.

47. SARTRE, J.P. Consciense de soi et connaissance de soi. Bull de la Sociedad francesa de filosofia, sescón del 2 de junio de 1947.
48. STUDART, H. Mulher, objeto de cama e mesa. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1980.
49. VARZEA, Virgilio. A Ilha. Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brazil, 1900.
50. VIEZZER, M. Se me deixam falar. São Paulo, Global Edit. 1982.
51. VIEZZER, M. Se alguém quiser saber... São Paulo, Global Edit., 1982.